

# MAPEAMENTO SOCIOAMBIENTAL PARTICIPATIVO NA ALDEIA PRADINHO



TERRA INDÍGENA MAXAKALI







# MAPEAMENTO SOCIOAMBIENTAL PARTICIPATIVO NA ALDEIA PRADINHO

## TERRA INDÍGENA MAXAKALI



### Organização do documento

Catia Hansel  
Angela Schimidt

Teixeira de Freitas - BA  
Março de 2024



## PROJETO FLORESTAS CULTURAIS

### Mĩmãtihi

#### Coordenação Geral

Viviane Maria Barazetti

#### Coordenação Administrativa

Luciana Gomes

#### Supervisora de projeto

Kamila Paganelli

#### Coordenação socioambiental

Catia Hansel

#### Equipe Mapeamento socioambiental

Catia Hansel

Angela Schmidt

Gabriela Santana

Márlia Oliveira

#### Participação na Oficina de Floresta:

José Lima da Paixão

#### Tradução Maxakali - Português

Marilton Maxakali

Marquinhos Maxakali

Vitorino Maxakali

Itinho Maxakali

#### Geoprocessamento

Natan Brito

#### Equipe de comunicação e audiovisual

Márcio Bayerl

Andinho Lopes

Michele Ribeiro

#### Agradecimentos

A todo o povo Maxakali da Aldeia Pradinho, principalmente os que participaram das oficinas participativas do mapeamento socioambiental. A todos os envolvidos no projeto Florestas Culturais e ao Projeto Hãmhi. A Rosângela Tungy pelas trocas e conversas sobre os Maxakali.

## SUMÁRIO

◆ 1. Apresentação .....	6
◆ 2. Metodologia.....	10
◆ 3. Modos de vida no território: aspectos socioambientais da Aldeia Pradinho .....	26
◆ 3.1. Um breve histórico sobre os Tikmũ'ün, povo indígena Maxakali .....	27
◆ 3.2. A Terra Indígena (TI) Maxakali: características gerais.....	33
◆ 3.3. Resultado das oficinas participativas.....	36
◆ 3.3.1. O que tem na Floresta? .....	37
◆ 3.3.2. Como é a alimentação dos Maxakali? .....	41
◆ Onde caçam e pescam? .....	41
◆ Como são as roças dos Maxakali? .....	43
◆ O que os Kitokos (crianças) gostam de comer?.....	51
◆ 3.3.3. Calendário anual dos Maxakali.....	53
◆ 3.3.4. Saúde e meio ambiente: como está e o que precisa melhorar .....	57
◆ Água.....	57
◆ Resíduos sólidos (Lixo).....	61
◆ Saúde.....	63
◆ 3.3.5. Mapa final consolidado .....	66
◆ 3.4. Aspectos culturais: um breve registro .....	67
◆ 3.4.1. As casas.....	67
◆ 3.4.2. O artesanato .....	69
◆ 3.4.3. Confecção dos vestidos.....	70
◆ 3.4.4. As brincadeiras dos Kitokos (crianças) .....	71
◆ 4. Apontamentos importantes: demandas para continuidade .....	72
◆ 5. Considerações finais .....	76
◆ Referências Bibliográficas .....	78



# APRESENTAÇÃO



O projeto Florestas Culturais, denominado pelos indígenas de Mīmātihi (Floresta Viva) visa apoiar a restauração da biodiversidade florestal com o foco nas funções ecossistêmicas e culturais da Aldeia Pradinho na Terra Indígena Maxakali, em Bertópolis/MG. A estratégia se baseia em ações de restauração florestal visando a segurança alimentar, diversificação da flora e da fauna, melhoria das condições edáficas e manejo do fogo, resgatando usos e tradições ligados à Floresta.

O Florestas Culturais iniciou sua implementação com o apoio do projeto internacional RESTAURaccion do Serviço Florestal Canadense no âmbito da Rede Latino Americana de Bosques Modelo. No primeiro ano de execução, o projeto permitiu a implantação

de 10,97 hectares de agroflorestas nas terras indígenas (TI) Maxakali e Pataxó, além de ações de formação (oficinas), coleta de sementes e fibras, produção de mudas e intercâmbio cultural. Nesse primeiro ano, nas atividades realizadas junto ao povo Maxakali na Aldeia Pradinho foram plantados 5,1 hectares de agrofloresta com foco na restauração e produção de alimentos.

Neste segundo ano de projeto as atividades ficaram concentradas na TI Maxakali sendo as ações ampliadas para outras aldeias do Pradinho. Além da manutenção das áreas já implementadas, foram criadas novas áreas de restauração florestal, ações de capacitação de sementes e mudas e o mapeamento socioambiental participativo junto aos Maxakali. Considerando a realidade em que

vivem hoje os Maxakali, a segurança alimentar por meio da implantação de agroflorestas continua sendo o ponto central da proposta.

Os objetivos do projeto neste ano foram:

- ♦ Restauração florestal através de plantio de espécies nativas que promovam segurança alimentar e restauração das funções ecossistêmicas e culturais dos povos originários Maxakali;
- ♦ Conservação, manutenção e enriquecimento das áreas restauradas pela RESTAURaccion 2022-2023;
- ♦ Capacitação de coletores de sementes e produção de mudas para as aldeias no TI Maxakali;
- ♦ Diagnóstico socioambiental participativo junto à comunidade indígena Maxakali para compreender a realidade das aldeias e propor ações sociais e ambientais de acordo com os anseios e necessidades da própria comunidade;

Este relatório é parte do objetivo relacionado ao diagnóstico socioambiental que visa conhecer e compreender a realidade das aldeias para pensar ações e projetos futuros visando a melhoria da qualidade de vida dos indígenas nesse território. A ideia é envolver a comunidade na realização de uma cartografia socioambiental, na tentativa de entender, mesmo que de forma breve, os modos de vida no território, o uso dos recursos naturais, as práticas culturais, relações e conflitos socioambientais existentes no território a partir de metodologias participativas e de acordo com os anseios e necessidades dos Maxakali.

Dentro dos aspectos socioambientais, o mapeamento buscou trazer algumas informações sobre a cultura, os modos de subsistência e sustentabilidade, a alimentação, saúde, entre outras questões, apresentando um panorama da situação em que vivem hoje os Maxakali.



Pelo pouco tempo disponível, esse mapeamento traz um apanhado geral com o foco em algumas temáticas pertinentes e que possam contribuir para os objetivos do projeto Mīmātihi. Para isso foram utilizadas diferentes técnicas para a coleta de dados, como dados secundários oriundos de pesquisas científicas realizadas, conversas com instituições atuantes na TI Maxakali, observação in loco, encontros, reuniões e conversas com os próprios indígenas.

As metodologias participativas exigem tempo e envolvimento e são ótimas ferramentas de planejamento para ações de gestão territorial e ambiental. As oficinas junto aos indígenas aliam coleta de informações junto com o debate e a reflexão acerca da realidade socioambiental, proporcionando a mobilização comunitária em busca de melhorias e formas sustentáveis de habitar o território.

Desde o ano de 2023, na TI Maxakali deu-se início ao Projeto Hāmhi - Terra Viva, uma parceria entre o Instituto Opaoká, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e o Ministério Público do Estado de Minas Gerais. O projeto, cujo objetivo principal também é a restauração florestal, atua em parceria

com o Programa Arboretum considerando o enorme desafio que é a restauração florestal nesse território. O esforço conjunto é de suma importância para a melhoria da qualidade de vida dos indígenas por meio do retorno da floresta.

O Projeto Hāmhi realizou Oficinas de Etnomapeamento junto aos Maxakali sendo que por meio da parceria firmada as instituições decidiram compartilhar os dados obtidos. Desta forma, este mapeamento foi organizado para trabalhar temáticas não abordadas pelas oficinas do Projeto Hāmhi e também avançar em alguns temas estratégicos, complementando os resultados e as informações sobre a realidade socioambiental da aldeia Pradinho, dentro da TI Maxakali.

Este mapeamento ocorreu durante os meses de janeiro, fevereiro e março de 2024 sendo realizado em 8 dias de encontros na forma de oficinas participativas. Ao todo participaram das oficinas 139 indígenas entre homens, mulheres e jovens. Em paralelo às oficinas com os adultos foram realizadas atividades com as crianças abordando algumas das temáticas deste mapeamento, tendo a participação de aproximadamente 50 crianças em cada oficina.





■ 2 ■  
■

# METODOLOGIA



O mapeamento realizado neste trabalho priorizou o levantamento de dados de forma participativa, metodologia considerada mais pertinente e com melhores resultados frente as peculiaridades das comunidades indígenas. O contexto destas comunidades traz a necessidade de se levar em consideração questões específicas relacionadas a cultura, o território e a autodeterminação<sup>1</sup> dessas comunidades. A abordagem participativa é uma ferramenta poderosa para fortalecer o empoderamento comunitário, preservar o conhecimento local, promover a sustentabilidade ambiental e cultural, e construir parcerias mais justas e inclusivas entre diferentes atores sociais.

Quando aplicada a comunidades tradicionais ou indígenas, essa metodologia se torna ainda mais relevante, pois os grupos muitas vezes têm um profundo conhecimento local e uma conexão íntima com seu ambiente. Sabendo-se que no processo de mapeamento participativo há um envolvimento dos membros da comunidade no processo de coleta, análise e visualização de dados levantados, a opção por esta abordagem reflete a intenção da equipe em fortalecer a autogestão territorial, promover o desenvolvimento sustentável, proteger os direitos territoriais e culturais, e melhorar a qualidade de vida dessas comunidades.

No trabalho realizado foram considerados os seguintes aspectos característicos de um mapeamento participativo:

- ♦ Consulta e consentimento livre, prévio e informado: partiu do respeito aos direitos dessas comunidades, incluindo a escolha de dar ou negar informações de forma livre, sem manipulação, dando autorização para a realização do projeto, aprovação da metodologia e cronograma apresentado em linguagem simples e compreensível;
- ♦ Autodeterminação e soberania territorial: partiu do entendimento de que é direito dos povos indígenas determinar seu pró-

prio percurso de desenvolvimento. Parte do respeito e a não interferência nos assuntos internos dessas comunidades;

- ♦ Respeito ao conhecimento tradicional: partiu do entendimento de que o conhecimento indígena sobre o ambiente, recursos naturais, áreas sagradas, saberes culturais e outras informações locais é uma fonte valiosa de Informações para a gestão sustentável do território;
- ♦ Seleção de tecnologias apropriadas: implicou na opção por tecnologias e metodologias de mapeamento acessíveis e adaptadas ao grupo trabalhado;
- ♦ Proteção de dados e propriedade intelectual: implicou na garantia a proteção dos dados coletados e respeito aos direitos de propriedade intelectual sobre o conhecimento tradicional;

De forma mais ampla, o mapeamento realizado assumiu os contornos dados pelos aspectos descritos acima. Para a condução deste processo foram realizadas um conjunto de ações distribuídas em 3 etapas, a saber pré-encontro/planejamento, execução das oficinas e coleta de dados em campo e pós-encontro/sistematização. Durante as oficinas participativas houve 3 blocos de atividades e além de um encontro final de apresentação dos resultados para aprovação e complementação do mapeamento.

Fizeram parte de uma ou mais etapas do mapeamento as ações de pesquisa de dados secundários, leituras e pesquisa bibliográfica, oficinas junto aos indígenas, conversas individuais ou com pequenos grupos de participantes, anotações em diários das observações in loco, registros de áudio, fotografias e filmagens.

A seguir, trazemos um relato sobre a forma como se deu o mapeamento, como este aconteceu ao longo do tempo considerando as etapas e sequência dos encontros.

<sup>1</sup> O princípio da autodeterminação dos povos é um princípio de Direito Internacional que procura assegurar a independência, a liberdade e o direito de organização própria dos povos. Visa proteger o direito dos povos de determinar o seu sistema de governo, organização econômica e sociocultural. Fonte: <https://diariodarepublica.pt>



# ■ ETAPA 1 ■

## PRÉ-ENCONTRO/PLANEJAMENTO

### I - Levantamento prévio de informações

O mapeamento teve início com um levantamento prévio de informações contemplando pesquisa bibliográfica e acadêmica sobre o Povo Maxakali, informações e dados sobre a região, acesso a relatórios da edição anterior do projeto Florestas Culturais (jan-mar 2023), articulação com o Instituto Opaoká que realiza o Projeto Hãmhi na mesma localidade para acesso às informações geradas por este projeto. Este levantamento permitiu o refinamento da metodologia de trabalho e também trouxe um maior conhecimento sobre o povo Maxakali em vários aspectos.

Cabe aqui destacar o acesso a vários etnomapas e materiais elaborados pelo projeto Hãmhi em oficinas participativas com a mesma comunidade foco deste trabalho, e que tornaram-se materiais essenciais para

pesquisa e ponto de partida para algumas oficinas realizadas. Durante as oficinas do projeto Hãmhi foram realizados 5 etnomapas temáticos, a saber:

- ◆ Mapa dos Fragmentos florestais – com o tema “Onde vamos plantar floresta” na Terra Indígena Maxakali, registrando as áreas de interesse dos Maxakali para restauração florestal;
- ◆ Mapa das Águas – com o tema “Onde nascem todas as águas” na Terra Indígena Maxakali, registrando a identificação das aldeias e recursos hídricos existentes;
- ◆ Mapa dos Bichos – com o tema “O mapa de todos os bichos”, registrando espécies animais que ocorrem ou que ocorriam na TI;
- ◆ Mapa das roças – identificação dos locais e tipos de roças das famílias nas aldeias;

- ♦ Mapa de conflitos – com o tema “Mapa das agressões dos brancos contra a nossa terra” identificando onde ocorrem queimadas, invasão de gado e cavalo e corte irregular de madeira dentro da TI;

Esses mapas foram utilizados para avançar em algumas temáticas, como água, floresta e roças complementando esses assuntos.

## II - Planejamento geral do mapeamento

Nesta etapa foram definidos os principais aspectos do mapeamento partindo do objetivo já determinado no escopo do projeto Florestas Culturais. Resgatando o texto já citado neste relatório, temos que o Objetivo 4 do projeto estabelece um “diagnóstico socioambiental participativo junto à comunidade indígena Maxakali para compreender a realidade das aldeias e propor ações sociais e ambientais de acordo com os anseios e necessidades da própria comunidade”.

Foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- a. Promover o envolvimento dos indígenas no mapeamento por meio de metodologias participativas;
- b. Realizar uma cartografia socioambiental com linguagem simples e acessível;
- c. Realizar o mapeamento dos modos de vida tradicional, usos dos recursos no território, práticas culturais, relações e conflitos socioambientais no território;

- d. Pensar em ações futuras visando a melhoria da qualidade de vida dos indígenas e suas aldeias a partir do que foi mapeado.

A partir dos objetivos geral e específicos foi possível definir os temas centrais do mapeamento, a abordagem metodológica, cronograma de execução, materiais, equipamentos e logística necessários, bem como a organização das formas e meios de registro do processo.

Outros aspectos definidos nesta etapa dizem respeito a opção por um diagnóstico rápido com poucas questões e utilizando mapeamento simples e técnicas de cartografia socioambiental participativa, considerando o pouco tempo de execução de todas as linhas de ação do projeto (somente 90 dias), a adequação do tempo das atividades considerando a necessidade de tradução simultânea de Maxakali para o português e de português para o Maxakali com o apoio dos próprios indígenas e a necessidade de prever atividades específicas para as crianças presentes.

Ao considerar os aspectos citados acima, o planejamento e execução de cada encontro, nomeados de Oficinas, deu-se de forma flexível. Isto significa que cada encontro/oficina foi desenhado previamente, mas sempre houve uma margem de definição que foi preenchida no momento da execução, tornando a ação permeável às alterações que o contexto presente exigiu.





## ETAPA 2

### EXECUÇÃO DAS OFICINAS

#### III – Primeiro bloco: Apresentação da proposta e Oficina sobre Floresta

A primeira parte deste mapeamento, ocorrida nos dias 17 e 18 de janeiro, teve o foco no tema Floresta.

No primeiro dia na parte da manhã houve a apresentação da proposta do mapeamento socioambiental para ciência e aprovação da comunidade, dos temas a serem trabalhados, definição do cronograma das atividades junto aos envolvidos e apresentação da equipe envolvida. Na parte da tarde houve o mapeamento dos fragmentos de floresta existentes dentro da TI Maxakali.

Para essa atividade foi elaborado um mapa indicando os fragmentos florestais existentes dentro da TI e no entorno. A ideia primeiramente foi levantar junto com os Maxakali seu conhecimento sobre as florestas, quais

fragmentos conhecem, o que tem nessas matas e que são utilizados por eles, para depois, verificar com mais detalhes a qualidade de um fragmento existente escolhido pelos indígenas para visitar.

O estudo realizado na etapa de Levantamento Inicial indicou que o uso de desenhos é uma das ferramentas mais adequadas para trabalhos em comunidades tradicionais, especialmente povos indígenas. Sendo assim, a partir das questões de referência trazidas para esse tema, os participantes indígenas localizaram, marcaram, desenharam e inseriram as informações diretamente sobre o mapa em papel. Esse mapa foi complementado por desenhos e uma lista contendo informações sobre os recursos naturais associados que eram anotados pela equipe que conduziu o processo.

As questões trazidas vinham dentro de um processo dinâmico onde ao mesmo tempo, os indígenas se distribuía nas atividades. Foram produzidos desenhos individuais e a elaboração do mapa sobre o que tem nas florestas acompanhado de falas e conversas entre a equipe e os participantes. Houve também um revezamento de grupos interagindo com o mapa de fragmentos.



A atividade com as crianças seguiu-se de forma simultânea ao trabalho com os adultos, com a criação de desenhos a partir do tema – o que tem na mata.



No fechamento desta oficina os indígenas apresentaram o mapa elaborado explicando o que foi colocado nele.

No segundo dia, foi visitada uma área de floresta com um grupo menor de indígenas. Na área escolhida existe um local sagrado para a cultura Maxakali onde tem uma cachoeira. Nesta atividade tivemos a participação de um especialista em botânica da equipe do Programa Arboretum onde foi percorrido uma trilha com a observação de diversas espécies arbóreas.

A partir desta oficina foi possível calibrar melhor a metodologia para as demais oficinas do mapeamento, pois foram necessários ajustes em função da dinâmica e funcionamento dessa comunidade. O fato da maioria dos indígenas não falarem o português exigiu mais tempo de planejamento das atividades, principalmente a adaptação para formas bem simples de falas e orientações, bem como a redução de temas a serem trabalhados num mesmo dia.

#### IV – Segundo bloco: Modos de vida no território

O segundo bloco de oficinas ocorreu entre os dias 31 de janeiro a 02 de fevereiro, e trouxe alguns aspectos relacionados aos modos de vida no território, principalmente em relação a alimentação como as áreas de caça, pesca, coleta de madeiras e fibras, e o detalhamento das roças familiares. Neste bloco foi elaborado um calendário anual contendo atividades regulares realizadas por períodos ou entre os meses do ano ligadas aos ciclos naturais.

A abordagem de trabalho foi similar ao primeiro bloco de oficinas, sendo que nas atividades deste foi usado o Mapa das Águas do Projeto Hãmhi como base para elaboração e levantamento das áreas de caça, pesca e retirada de madeira atual dos Maxakali.

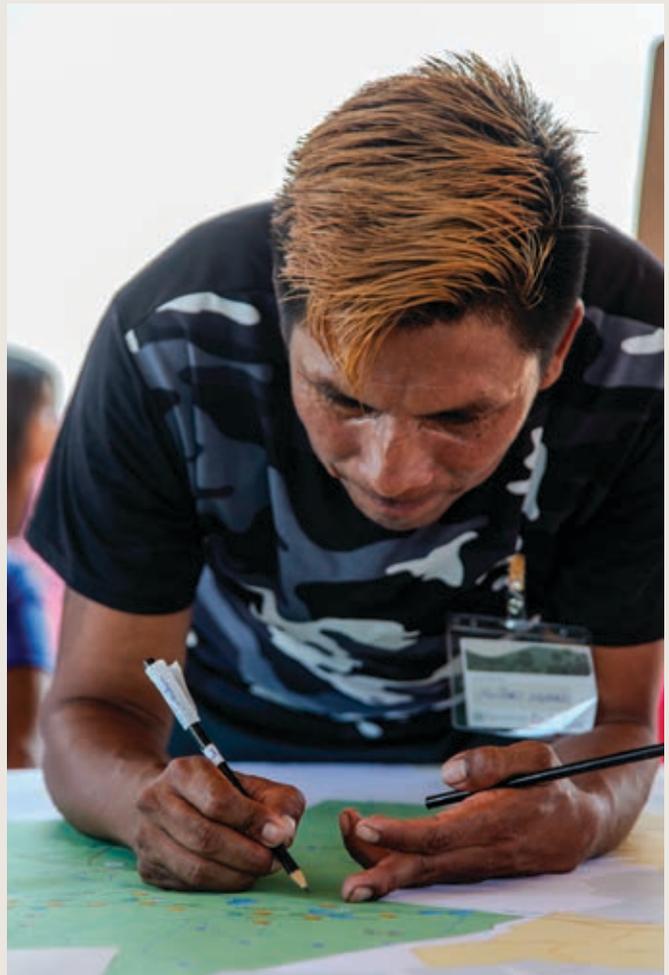
No início de cada dia de oficina, foi trazida a proposta de atividades e temas, sendo realizados ajustes de acordo com o que os indígenas queriam trazer sobre o tema. Foi reforçado a importância de levantar informações sobre a realidade atual dos Maxakali para entender como eles vivem hoje e a partir deste panorama, pensar em ações e projetos condizentes e adaptados às necessidades e demandas reais dos Maxakali.



Em relação a alimentação foram trazidos os seguintes pontos:

- ◆ Como é a alimentação dos Maxakali?
- ◆ O que gostam de comer?
- ◆ O que tem nas roças?
- ◆ Ainda tem caça? Pescam? Coletam frutas?
- ◆ Quais alimentos compram? Onde?

O mapeamento das atividades de caça, pesca, coleta de materiais foi feito no primeiro dia, partindo de conversas com o grupo, registro de informações no mapa, desenhos individuais, apresentação de alguns desenhos e do mapa atualizado com as intervenções dos participantes. As crianças fizeram desenhos sobre as brincadeiras que costumam fazer, sendo que foi possível obter relatos de outros aspectos do cotidiano da aldeia, segundo o olhar dos pequenos.



No segundo dia de oficina pela manhã cada participante elaborou um desenho detalhando o que tem na sua roça. Após a elaboração dos desenhos, alguns indígenas apresentaram um relato do que tem nas roças. Neste dia houve conversas, desenhos e apresentação destes desenhos.



As crianças fizeram os desenhos de quais alimentos comem, sendo eles produzidos ali ou trazidos de fora da cidade.



Na parte da tarde, deu-se início a elaboração do calendário de atividades, com a apresentação da proposta, de exemplos de calendários similares e ajustes solicitados pela comunidade. Foi neste momento que optou-se pelo período anual, em lugar de um calendário de atividades ao longo de um dia. A atividade do calendário estendeu-se até a manhã do terceiro dia.

Com o intuito de otimizar a coleta de informações, procedeu-se à elaboração de um quadro mensal antes da concepção do calendário circular. Esse quadro registrou contribuições tanto da equipe do projeto quanto dos próprios participantes, em um ciclo que envolveu criação, diálogo e reflexão entre os indígenas, além da revisão das questões apresentadas.



O calendário circular foi elaborado por diversos indígenas que se revezaram ao longo do tempo complementando e trazendo novas informações. Em todo o processo manteve-se uma conversa entre os participantes e, em alguns momentos, com tradução de falas para a equipe do Projeto. Ao final, o calendário foi apresentado ao grande grupo trazendo as informações representadas pelos desenhos em cada mês.



### V - Terceiro Bloco: Saúde e Meio Ambiente

O terceiro bloco de oficinas, ocorrida nos dias 20 e 21 de fevereiro, buscou informações sobre saúde e meio ambiente numa perspectiva de entender como está e o que precisa melhorar em relação a essas questões. A questão do meio ambiente ficou concentrada nos temas água e resíduos sólidos (lixo) considerando assuntos de extrema importância, tanto do ponto de vista ambiental como social, mas principalmente buscando entender as relações dessas questões com a saúde dos Maxakali.

As questões de referência para este bloco foram:



## ÁGUA

- ◆ Como os Maxakali usam a água?
- ◆ A água de beber está boa? A água dos rios está boa?
- ◆ A água está poluída?
- ◆ O que tem de ruim na água?
- ◆ De onde vem os problemas na água?

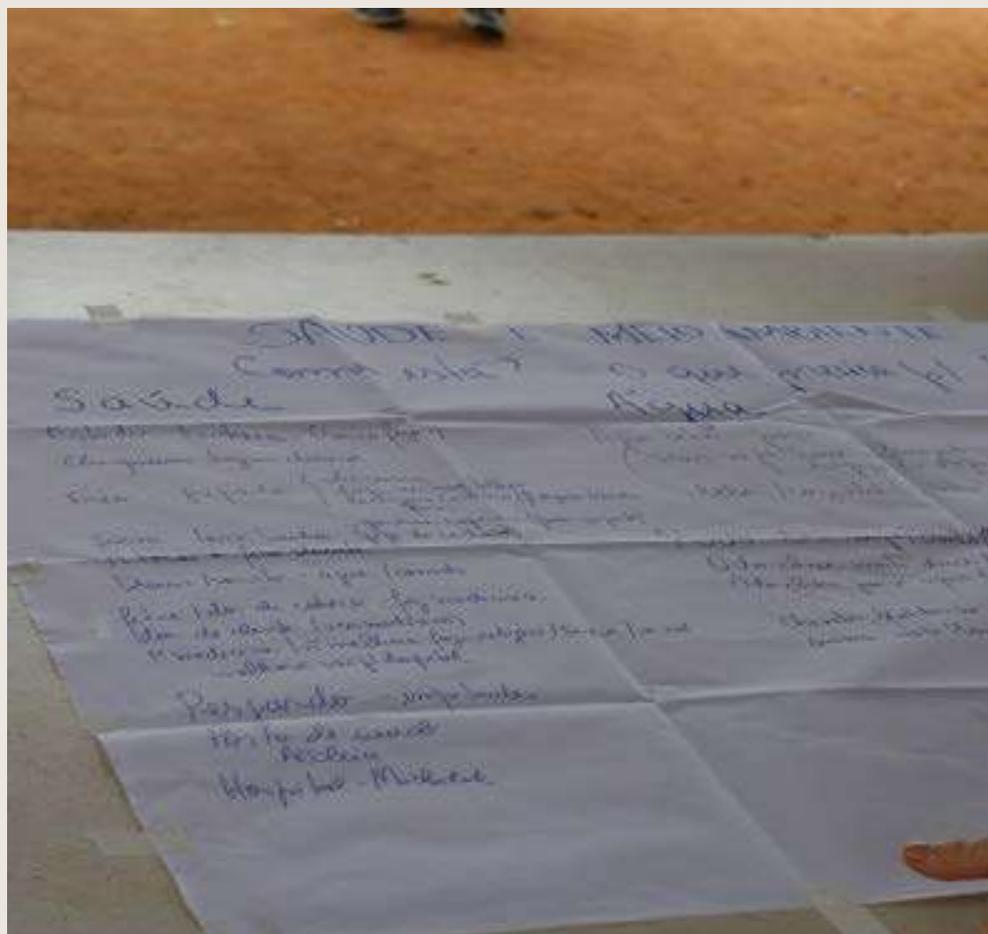
## RESÍDUOS

- ◆ Quais lixos têm na aldeia?
- ◆ O que fazem com o lixo?
- ◆ A prefeitura faz a coleta do lixo?
- ◆ O que precisa para ficar bom?

## SAÚDE

- ◆ Como está a saúde dos Maxakali?
- ◆ Quais problemas de saúde os Maxakali têm?
- ◆ Os Maxakali ficam doentes? De onde vem as doenças?
- ◆ Quem fica mais doente, mulheres, homens, idosos ou crianças?
- ◆ Como cuidam dos doentes? Preparam remédios?

Ao longo desta oficina foram trabalhados de forma simultânea os temas saúde, água e lixo, onde se estabeleceu uma dinâmica de conversa e registro das informações pela equipe em um grande painel. Com as crianças foi realizada uma rápida gincana de coleta de lixo pela parte central da aldeia.



No segundo dia, foi feito um resgate do que havia sido conversado utilizando as informações registradas no painel como suporte. Esta atividade teve o objetivo de além de relembrar aos participantes que estiveram no dia anterior, introduzir o assunto a um número significativo de pessoas que chegaram somente no segundo dia. Feito esta atualização, os participantes fizeram desenhos individuais livre retratando o que eles achavam que precisava melhorar em relação aos assuntos abordados: saúde, água e lixo. No final da oficina algumas pessoas apresentaram seus desenhos ao grupo.





## ETAPA 3

### PÓS-ENCONTRO/SISTEMATIZAÇÃO

#### VII – Sistematização das informações

Como todo processo participativo é necessário validar, aprovar e complementar os dados mapeados para verificar se as informações estão corretas. Desta forma, logo após as oficinas participativas a equipe iniciou a sistematização e organização dos dados e produções oriundas do mapeamento. Foram inúmeros desenhos, fotos e gravações na coleta de informações que precisavam ser digitalizadas, áudios e vídeos traduzidos do Maxakali para o português.

Além da organização dos dados levantados, foram necessários também a busca de informações complementares junto às instituições atuantes na TI como a SESAI - Secretaria Especial de Saúde Indígena, além de outras instituições.

Outra fonte de informações foram as observações in loco com o registro fotográfico e em diários que complementam o mapeamento sobre modos de vida e a realidade socioambiental que vivem o povo Maxakali.

#### VI – Quarto encontro: Apresentação dos resultados e apontamentos finais sobre os temas trabalhados

Foi marcado um último encontro para apresentação dos resultados mapeados para validação e verificação das informações. Neste encontro foram apresentadas todas as informações coletadas. Os temas trazidos neste momento foram os trabalhados durante as oficinas: FLORESTA, ALIMENTAÇÃO, SAÚDE, ÁGUA E RESÍDUOS.

À medida que os assuntos eram abordados, os indígenas procediam à verificação da exatidão e à avaliação da necessidade de eventuais ajustes nas informações apresentadas. Ao final, foi apresentado o mapa elaborado considerando o que foi produzido pelos próprios indígenas.

Após a validação do mapeamento, a equipe trouxe alguns apontamentos sobre os temas levando em consideração a realidade socioambiental mapeada.





### VIII - Elaboração de relatório

Após a aprovação do mapeamento socioambiental pelos indígenas foi elaborado o relatório de mapeamento socioambiental participativo considerando os dados e informações trazidos durante as oficinas com os Maxakali.





■  
■ 3 ■  
■

# MODOS DE VIDA NO TERRITÓRIO: Aspectos Socioambientais da Aldeia Pradinho





### 3.1 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE OS TIKMŨ'ŨN, POVO INDÍGENA MAXAKALI

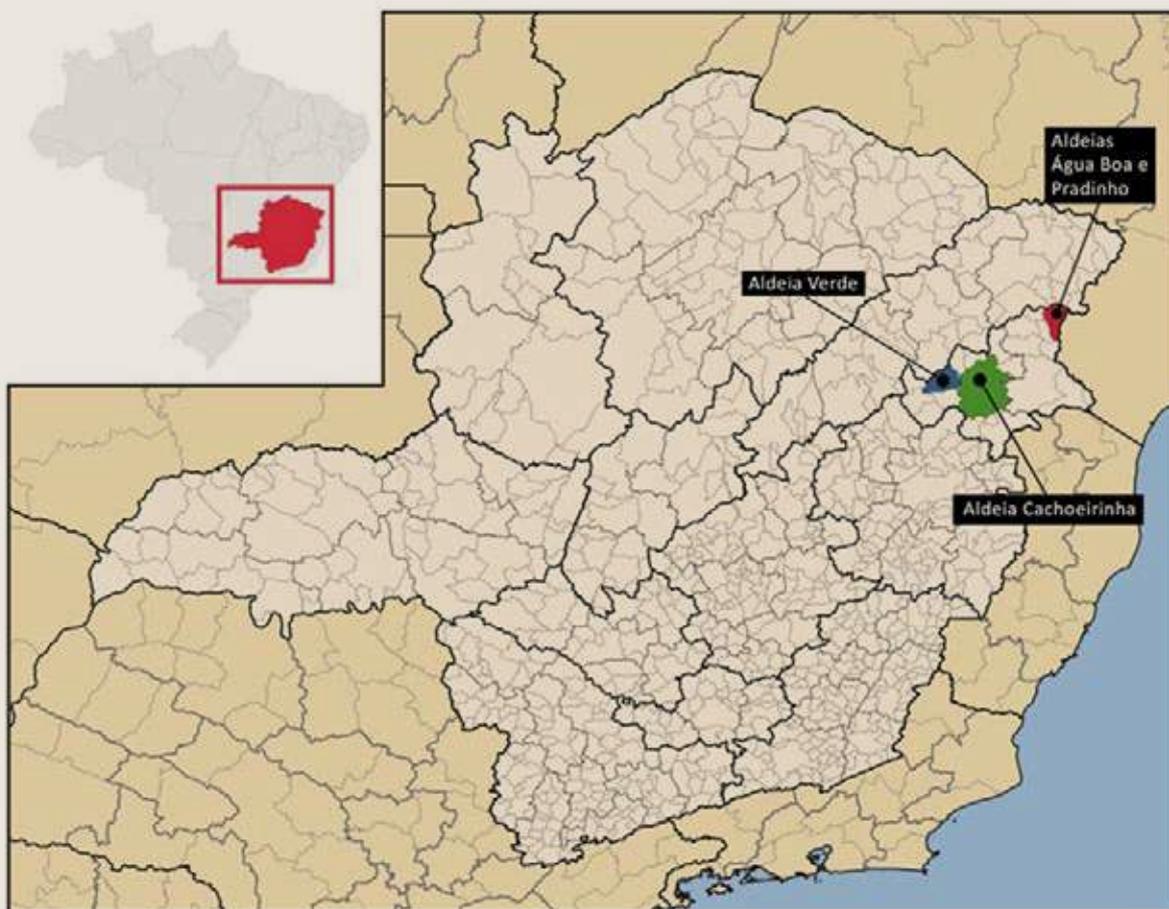
O povo tikmũ'ũn, mais conhecido como Maxakali, é um grupo indígena falante da língua Maxakali (tronco macro-jê), seminômades, tradicionalmente caçadores e coletores.

Atualmente habita terras situadas no nordeste do Estado de Minas Gerais, formando hoje uma população de quase 3 mil pessoas vivendo em aldeias em Santa Helena de Minas, Bertópolis, Ladainha e Teófilo Otoni, no estado de Minas Gerais:

- ♦ **TI Maxakali - Água Boa** (Santa Helena de Minas) e Pradinho (Bertópolis), 5.305 hectares;
- ♦ **Reserva Indígena Aldeia Verde** (Ladainha), 544, 72 hectares;
- ♦ **Reserva Indígena Cachoeirinha** (Teófilo Otoni), 606, 19 hectares;
- ♦ **Aldeia-Escola Floresta** (Teófilo Otoni), 122 hectares (criada em 2021).



Figura 1. Mapa das terras indígenas Maxakali



Fonte (Magnani, 2018)

Os próprios Tikmũ'ũn relatam que seus antepassados vieram de várias regiões e que circulavam por uma vasta região entre os estados de Minas Gerais, Bahia e Espírito Santo, compreendendo as bacias dos rios Pardo, Jequitinhonha, Mucuri, Prado, São Mateus e Rio Doce, cuja paisagem era constituída por densa floresta tropical. Essa região abrigava uma rica diversidade vegetal e animal, sendo esse território ao longo dos últimos séculos profundamente devastado sob a premissa do avanço da "civilização". Primeiramente com a chegada dos europeus, depois com a intervenção militar e posteriormente com atividades mineradoras e agrosilvopastoris.



Segundo pesquisadores que trabalham há anos com o povo Maxakali, são:

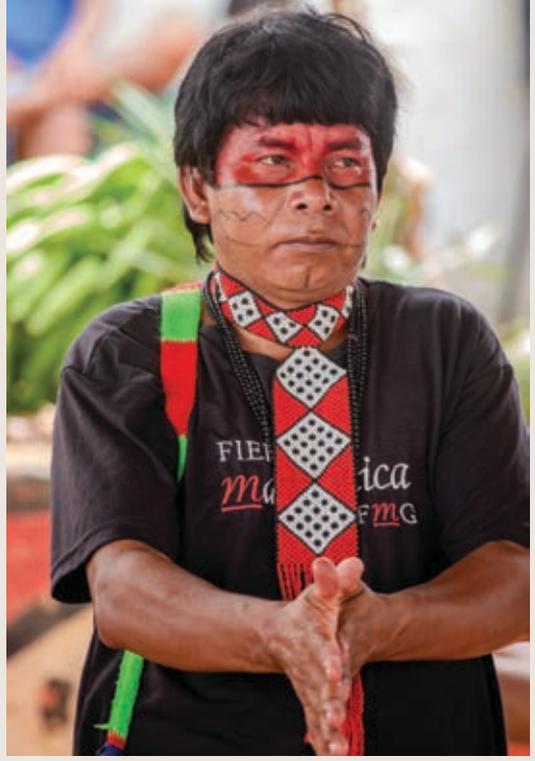
*“Três frentes de expansão que demarcam a destruição do ecossistema onde viviam esses povos. 1. As entradas e bandeiras que buscavam fontes de extração mineral e os envolveu como mão de obra, mantendo-os em quartéis e aldeamentos como testemunham os relatos das viagens dos naturalistas que estiveram na região. 2. Uma frente, decisiva para a devastação do Vale do Mucuri, que buscava fundar povoadamentos de pequenas propriedades e proporcionar o trânsito da região do Mucuri até o litoral com a instalação dos agricultores e pecuaristas. Deste momento constam registros de aldeamentos dos capuchinhos e de Teófilo Otoni, responsável em 1847 pela Companhia de Navegação e Comércio que deveria ligar o centro-oeste de Minas Gerais ao litoral. 3. A terceira frente de expansão, de extração mineral, completou a penetração na região. No início do século XIX, a decadência das minas de ouro e diamante impulsionaram os colonizadores para os Vales do Rio Doce e Mucuri, até então mantidos como barreira geográfica que impedia o tráfico das pedras preciosas das serras para o mar. Para desfazerem-se desta barreira, era preciso desfazerem-se, igualmente, da “barreira humana”: os milhares de indígenas que ali habitavam desde tempos imemoriais. As autoridades consideravam que “enquanto houvesse mata haveria correrias de índios”. A melhor maneira de subjugar aqueles povos seria, portanto, despossuí-los de suas terras (Hãmhi, 2023).”*

Os Maxakali relatam essa transformação histórica da paisagem com a deterioração das suas florestas e sua substituição ao longo dos anos por pasto, hoje dominado pelo capim colômbio. “Limitados a um território reduzido e transformado em pastagens pelos invasores, os Tikmũ’ün se viram privados de fontes de água, de matas e dos recursos necessários à perpetuação de sua vida (Hãmhi, 2023).”



Os Tikmũ'ün possuem um patrimônio cultural riquíssimo, principalmente através dos seus cantos, que guardam toda a sabedoria e seu conhecimento sobre a biodiversidade da floresta. São conjuntos de cantos, rituais, danças, léxicos, histórias, artesanato e diversas outras formas de manifestação cultural.

A vida nas aldeias é organizada a partir da relação com os povos-espíritos da Mata Atlântica, os Yãmĩxop (espíritos-cantores) que visitam as aldeias, com seus conjuntos de cantos. São histórias de encontros dos seus ancestrais com diferentes povos (Yãmĩxop), chamados por eles como povos-morcegos, povos-papagaios, povos koatkuphi, povos-macacos, povos-kômãyxop, povos-lagartas, povos-antas, povos-vagalumes, povos-vespas, povos-formigas, povos-girinos, povos-pacas, povos-caboclos-d'água, povos-orelhas-grandes - os "botocudos", povo-êhẽ - outros "botocudos", e com diferentes seres (mĩmputax, filho-do-trovão, filho-abelha, lontra, panãnot). Ensinam também histórias de como seus parentes se transformaram em outros povos: povos-gaviões, povos-yãmĩy, povos-yãmĩyhex, povos-anta, povos-queixada (Hãmhi, 2024).



ALIMALDA/MAXAKALI



Grande parte desses cantos é entoada coletivamente onde durante o ritual os Yãmíxop são convidados a visitar as aldeias para cantar, dançar e comer. Com a finalidade de cura e transformação do mundo, o ato de cantar é praticado entre os Tikmũ'ũn como elemento estruturante da vida, porque é através do canto que se perpetuam as memórias e se constituem as comunidades.



Nas aldeias, o idioma falado é o Maxakali. São praticamente monolíngues, onde mulheres e crianças falam somente em Maxakali, sendo que os homens falam diretamente com os “brancos” em português. Foi somente após a formação no curso de licenciatura indígena da UFMG por volta de 2009, que alguns professores tikmũ’ũn passaram a aprender melhor a língua portuguesa.

A escrita adotada atualmente pelos Maxakali foi criada por um casal de missionários do Summer Institute of Linguistics (SIL) Harold e Frances Popovich entre os anos de 1960 e 1970 com o objetivo de traduzir o Novo Testamento para a língua Maxakali. Foi a partir dos programas de educação indígena que o uso dessa escrita passou a ser fomentado e divulgado por meio de publicações de jornais e livros produzidos pelos próprios indígenas. Os tikmũ’ũn já publicaram vários livros, geralmente bilíngues (em Maxakali e português) sobretudo para serem usados em suas escolas.

Os Maxakali são considerados um povo muito resiliente no que diz respeito a manter viva sua cultura, isso devido ao histórico de contato e inúmeras tentativas de aculturamento. Os Tikmũ’ũn seguem cantando os cantos que enumeram seu conhecimento sobre sua biodiversidade, produzindo e reproduzindo suas práticas culturais coletivas e preservando sua língua.

*“Estamos diante de uma experiência da vida que flui entre permanências e transformações, ritual e cotidiano, agência feminina e masculina, linguagens êmicas e éticas, e que se constitui, diariamente, nas relações entre parentes, entre homens e mulheres, com os Yãmïyxop (os espíritos-cantores que visitam suas aldeias) e, ao mesmo tempo, no encontro com outros corpos, atores, entidades e produtos da sociedade nacional (Magnani, 2018).”*

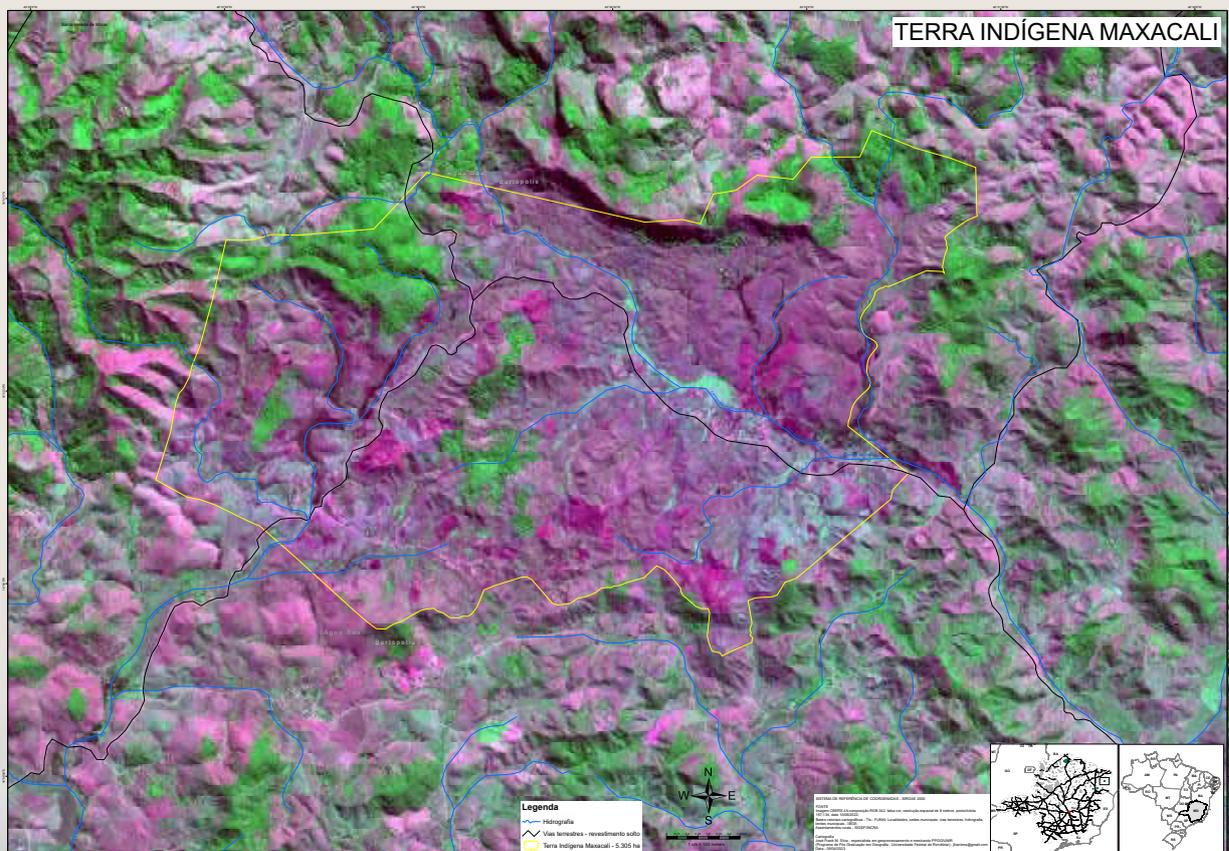


### 3.2 A TERRA INDÍGENA (TI) MAXAKALI: CARACTERÍSTICAS GERAIS

A TI Maxakali é uma área protegida de 5.305 hectares, localizada no extremo nordeste do estado de Minas Gerais, próxima à região fronteira entre os estados de MG, ES e BA, dentro dos limites dos municípios de Bertópolis e Santa Helena de Minas.

Dentro da TI Maxakali existem duas localidades, Água Boa e Pradinho, também chamadas de Aldeias. Em cada uma dessas localidades, existem diversas pequenas aldeias que em geral são divididas por grupos locais ou familiares de acordo com a proximidade ou parentesco.

Figura 2. Imagem de satélite com a delimitação da TI Maxakali



(Fonte: Projeto Hãhmi)



Figura 3. Mapa das aldeias no Pradinho



O projeto Florestas Culturais (Mĩmãtĩhi) concentrou suas atividades na Aldeia Pradinho composta por cerca de 26 grupos familiares. Segundo dados da SESAI/DSEI (Secretaria Especial de Saúde Indígena/Distrito Sanitário Especial Indígena), na aldeia Pradinho existem hoje 1.086 habitantes, sendo a maior parte composto por crianças, jovens e adultos.

Tabela 1: População da Aldeia Pradinho

Faixa etária	Quantidade
Menor de 5 anos	143
De 5 a 9 anos	182
De 10 a 19 anos	363
De 20 a 59 anos	373
Maior ou igual a 60 anos	25
<b>População total</b>	<b>1.086</b>

(Fonte: SESAI, 2024)

O acesso a Aldeia Pradinho é feito por Umburaninha, distrito de Bertópolis/MG com cerca de 7 Km de estrada de chão. Em épocas de chuva as estradas ficam praticamente intrafegáveis, sendo de difícil acesso com muitos buracos e lama.

Conforme estudos realizados na região, a TI é dividida em dois vales localizados na Bacia do rio Itanhém. Enquanto a área conhecida como Água Boa é cortada pelo córrego homônimo, a área denominada Pradinho é banhada pelo córrego do Umburanas. Esses dois córregos se encontram mais ao sul para formar o rio do Norte, um dos principais afluentes do Itanhém.

Na região predominam florestas estacionais semidecíduais montanas e sub-montanas, porém a região já possui indícios de transição para a floresta ombrófila densa da encosta atlântica, partilhando de elementos florísticos com a Hileia Baiana e do Espírito Santo.

Segundo Ferreira (2012),

*“O relevo varia entre 300-500m de altitude, e caracteriza-se (...) por largos vales alagadiços e brejosos, delimitados por declividades rochosas abruptas. A maioria das formações florestais remanescentes está concentrada no alto destas paredes rochosas, e incrustada nas profundas fendas de nascentes nas áreas mais íngremes e de difícil acesso. (...) É nestas áreas mais baixas que se encontra a maior parte das aldeias.”*

É possível observar, tanto na imagem de satélite que mostra os limites da TI como em registros fotográficos, que a área onde se encontram os Maxakali é desprovida quase que totalmente de florestas, sendo a paisagem dominada pelo capim colônia.



Em relação aos aspectos socioeconômicos, a região onde se encontra o povo Maxakali é bastante pobre, com um dos menores IDHs (Índice de Desenvolvimento Humano) do Brasil. Sem muitas indústrias, a principal atividade econômica é a pecuária, sendo que o agronegócio possui quatro vezes mais terras do que a agricultura familiar (IBGE, 2006).

Na Aldeia Pradinho existe a Escola Estadual Capitãozinho Maxakali que está distribuída em 4 anexos espalhados nas aldeias. As escolas atendem 602 alunos compreendendo Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Conforme Ferreira (2012), “as principais fontes de renda dos Tikmũ’ũn, em ordem de importância são os salários de professores e funcionários das escolas, agentes de saúde e saneamento; benefícios financeiros vindos do governo federal (bolsa-família, Fome Zero, aposentadoria, pensão-maternidade, etc.); venda de artesanatos; e venda de produtos agrícolas.”





### 3.3. RESULTADO DAS OFICINAS PARTICIPATIVAS

Neste tópico são apresentados os resultados das oficinas participativas realizadas junto aos indígenas. Conforme relatado na metodologia, este mapeamento priorizou o levantamento de dados de forma participativa trazendo alguns temas considerados pertinentes do ponto de vista socioambiental e conforme os objetivos do projeto Florestas Culturais.

Pelo pouco tempo disponível para a realização do mapeamento foram selecionados os seguintes temas para essas oficinas: FLORESTA, ALIMENTAÇÃO, SAÚDE, ÁGUA E LIXO. Outras informações sobre os Tikmũ'ũn são trazidas em outros tópicos deste relatório.

#### 3.3.1 O QUE TEM NA FLORESTA?

Essa oficina começou com a elaboração de um mapa sobre a Floresta, seguido de uma saída de campo para conhecer um fragmento florestal e ver de perto o que tem nas matas acessadas pelos indígenas. A ideia foi levantar junto aos Maxakali seu conhecimento sobre as florestas, quais fragmentos conhecem, o que tem nessas matas e que são utilizados por eles.

Durante a oficina de mapa (como os Maxakali definiram o nome desta atividade), os indígenas indicaram e desenharam no mapa os animais, as nascentes, a cachoeira dos pássaros, as áreas onde houve queimadas final do ano passado, todas as matas existentes dentro da TI e também o capim que domina a TI.

Figura 4: Mapa desenhado pelos indígenas



Relataram a existência de alguns animais, mas que hoje em dia tem pouco. No mapa eles indicaram as nascentes, onde foi possível observar algumas preservadas dentro de alguns fragmentos florestais, mas a maioria em meio ao campo sem proteção florestal.

Durante a elaboração do mapa, os Maxakali falaram sobre a Cachoeira Andorinha (Xamoka) onde há uma caverna sagrada habitada por andorinhas e que faz parte do ritual “religião” deles.

Para os indígenas, a água é extrema importância, seja para consumo, preparo dos alimentos ou para a limpeza de roupas e louças. Os Tikmũ’ũn usam diariamente os rios e pequenos açudes para se banhar e se refrescar, pois a região é quente.

Em relação às espécies arbóreas, os indígenas relataram que as grandes árvores não existem mais, que as espécies de interesse também estão escassas, permanecendo somente indivíduos jovens.

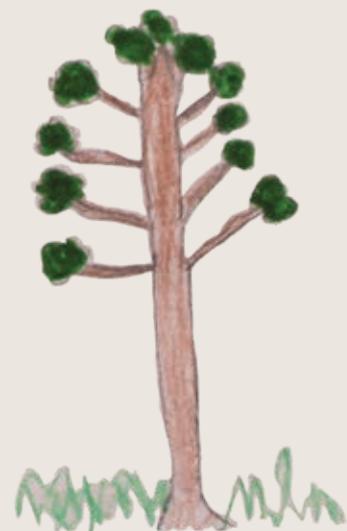


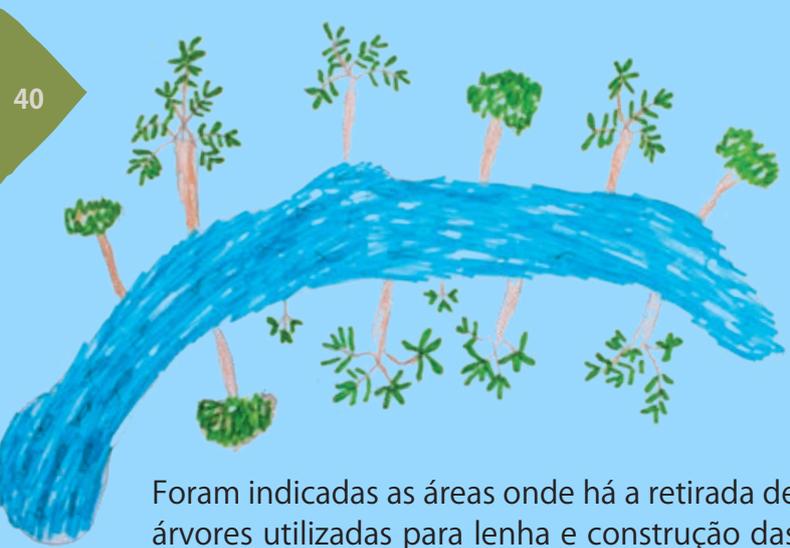
Durante a oficina foi registrado uma lista de espécies arbóreas conhecidas pelos indígenas, contudo durante a apresentação dos resultados para aprovação dos dados do mapeamento, em conversa com os Tikmũ'ũn foi decidido retirar a lista, devido à necessidade de verificação dessas espécies. Observou-se que o conhecimento dos indígenas sobre as plantas é vasto e que esse levantamento exige um estudo maior sobre a identificação das espécies e o nome delas dado pelos Maxakali.

A embaúba-vermelha que é uma espécie muito utilizada no artesanato praticamente não existe nas matas próximas. A fibra da embaúba é muito utilizada para a confecção de diversos utensílios como rede e linha de pesca, rede de dormir, bolsas, sendo um dos recursos naturais mais procurados por eles. Por conta da importância da embaúba para os Tikmũ'ũn, os indígenas percorrem as ve-

zes longas distâncias atrás dessa espécie.

Na mata visitada encontra-se a Cachoeira da Andorinha, e foi possível constatar a existência de muitas espécies em fase de regeneração com muitos indivíduos jovens, conforme relato dos indígenas. Foram encontradas espécies de Licaria, Tuberculosa, Canafístula, Murici, Ingá, Embaúba-branca, Jacarandá-da-bahia, Angelim, Mundurucu-branco e Camboatá. No trajeto percorrido observou-se algumas poucas árvores de grande porte como Vinhático, Jacarandá-branco, Folheiro, Oiti e Gerivá.





Foram indicadas as áreas onde há a retirada de árvores utilizadas para lenha e construção das casas e também coqueiro usado para artesanato dentro da TI. Os Maxakali saem em busca de recursos naturais que precisam e visitam frequentemente as matas da região em busca de frutos, sementes, madeiras e fibras para seus artesanatos.

Outro ponto observado durante a oficina foi que, em geral, os indígenas da Aldeia Pradinho frequentam e exploram as áreas de mata circundantes. Por outro lado, os demais fragmentos florestais dentro da Terra Indígena (TI) são mais utilizados pela Aldeia de Água Boa, provavelmente devido à sua proximidade. Essa situação sugere uma clara divisão no acesso e uso dos recursos naturais entre as duas aldeias. Durante a apresentação do mapa sobre as matas, os indígenas mostraram o que foi desenhado e relataram sobre a importância das florestas e da água:



*“Os rios nascem começando nas nascentes, a água vai juntando, juntando e formando o rio Umburana. A água não sai de um só lugar, tem muitas nascentes, e desde que queimou a floresta, as nascentes diminuíram. Queimou também as plantas que tem nos brejos, lírios, taboas e diminui a água.*

*Mas nós vamos dar uma força para trazer de volta a floresta para nascer água. Água é nossa mãe. O rio está secando, está raso e cheio de lama. A mata cria água e também dá sombra.*

*Aqui na Cachoeira da Andorinha começou a queimada, e as andorinhas vão para outro lugar. Ritual chama andorinha e os pássaros também. Mata precisa voltar para a criança ter no futuro. Agora está triste a terra, pois são poucas as matas.*

*Aqui no mapa estamos fazendo um desenho sobre tudo, sobre os animais, o que tem na mata, artesanato, semente, remédio. Existe remédio, mas acabou. Aqueles bichos que Yamim (ritual) gosta de caçar vão voltar também. Vai voltar para o homem caçar e as mulheres pescar (Depoimento de Vitorino Maxakali em 17.01.24).”*



### 3.3.2 COMO É A ALIMENTAÇÃO DOS MAXAKALI?

Como já apresentado, originalmente os Maxakali são coletores e caçadores, e hoje vivem num território completamente desmatado. Os Maxakali prezam por “alimento bom” como eles falam, e para eles alimento bom é o alimento vindo da floresta.

#### Onde caçam e pescam

Essa oficina começou com a elaboração de um mapa sobre caça, pesca e o uso dos recursos naturais, como madeira e fibras. Utilizamos o Mapa das Águas do Projeto Hãmhi como base para elaboração e levantamento das áreas de caça, pesca e retirada de madeira atual dos Maxakali.

Foram indicadas as áreas de caça e pesca. Os indígenas relataram que não existem áreas específicas para cada um, eles acessam diversas áreas tanto dentro da TI quanto fora. Mesmo tendo uma concepção de multiterritorialidade<sup>2</sup>, os Tikmũ'ũn acessam mais as áreas circunvizinhas a Aldeia Pradinho. Os Maxakali relataram que evitam ir para a região da aldeia de Água Boa, pois lá os indígenas também necessitam caçar e pescar. Além disso, eles acrescentam que frequentam essas áreas somente quando estão acompanhados dos indígenas que residem naquela aldeia. No mapa foram apontadas as áreas de caça sendo que a maioria é perto dos rios, pois é onde existem capivaras. Os indígenas relataram a existência de outros animais, mas bem pouco como tatu e o teiú, enfatizando que essa atividade é feita essencialmente pelos homens.



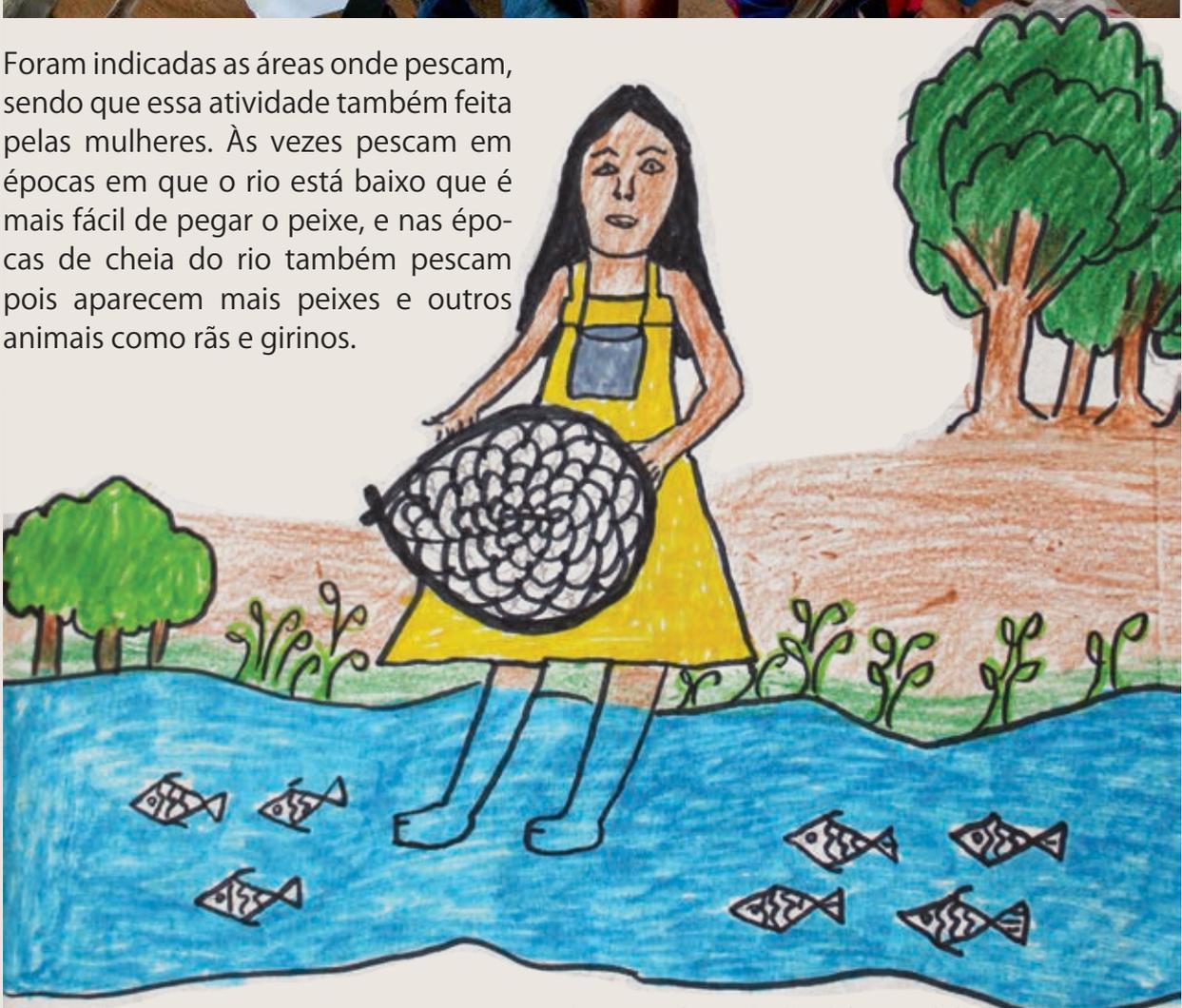
Ilustração: Anizio Maxakali

<sup>2</sup> Multiterritorialidade implica na possibilidade de acessar ou conectar, num mesmo local e ao mesmo tempo, diversos territórios, o que pode se dar tanto no sentido de um deslocamento físico, quanto no sentido de acionar diferentes territorialidades mesmo sem deslocamento físico. (Fonte: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/geografias/article/download/13293/10525>)

Figura 5. Mapa desenhado pelos indígenas indicando as áreas de caça, pesca e retirada de madeira



Foram indicadas as áreas onde pescam, sendo que essa atividade também feita pelas mulheres. Às vezes pescam em épocas em que o rio está baixo que é mais fácil de pegar o peixe, e nas épocas de cheia do rio também pescam pois aparecem mais peixes e outros animais como rãs e girinos.



Mãmxamut. Ilustração: Santinha Maxakali

Tabela 2. Lista de peixes e outros animais existentes nos rios

Peixes	Outros animais aquáticos
Traíra	Caranguejo
Bagre	Camarão pequeno
Cascudo	Jacaré
Sardim	Rã
Africana	
Piaba	

Durante a oficina os Maxakali relataram que não existe mais animais para caça que é usada em práticas religiosas, o que permanece em uso são peixes, mas estes também são poucos. Também relataram que sempre coletavam mel de abelhas nativas, mas que não coletam mais pois têm pouca abelha. Quando eles avistam abelhas eles coletam.

Quando os Maxakali saem em busca de recursos naturais, sempre voltam com frutas como bananas e outros recursos que encontram no caminho.



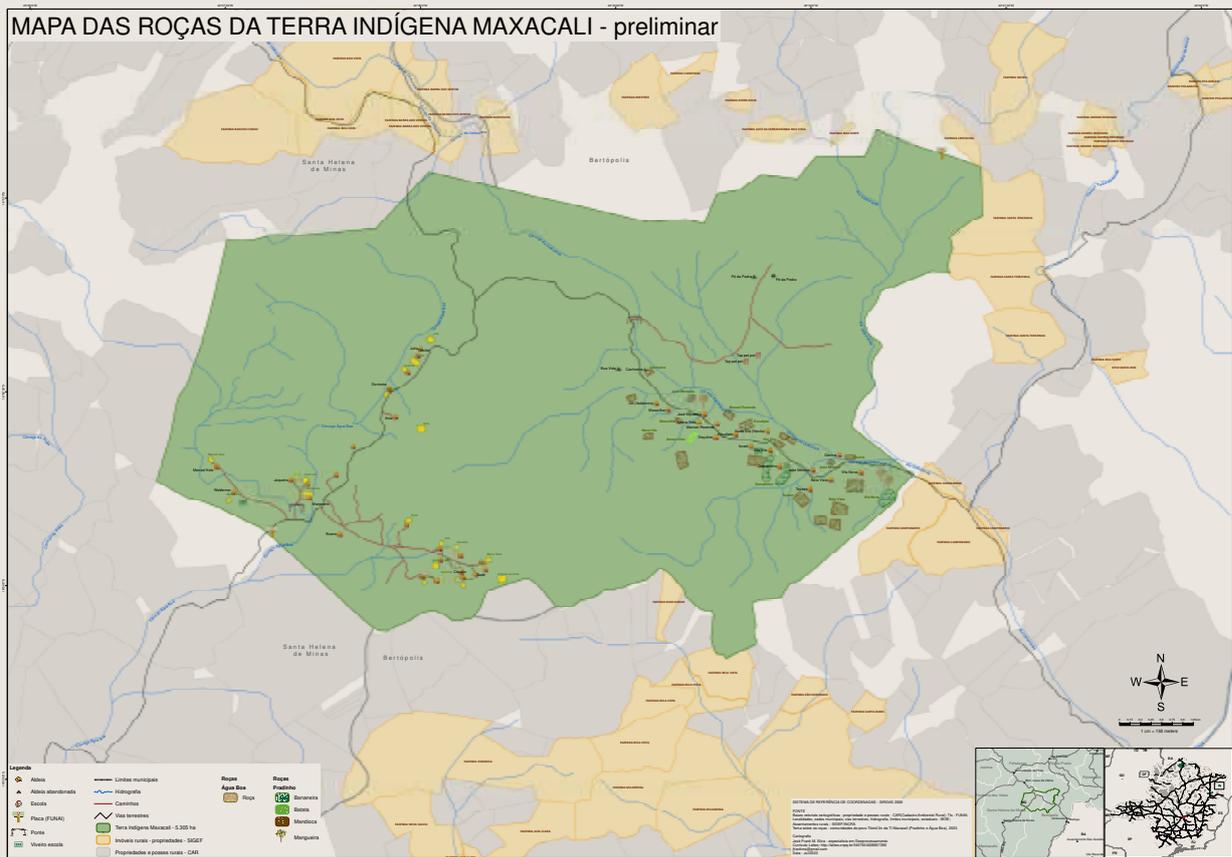
### Como são as roças dos Maxakali?

A maioria dos Tikmũ'ün têm roças e plantios em volta de suas casas. O Projeto Hãmhi, em suas oficinas de etnomapas realizaram o levantamento das roças nas aldeias. Para complementar essas informações e entender melhor o que tem em cada roças, realizamos um mapeamento visual por meio de desenhos. Os Maxakali detalharam minuciosamente o que encontram em suas roças.



O mapa abaixo mostra a localização das roças divididas em mandioca, batata e banana conforme legenda. A seguir trazemos os desenhos das roças de alguns indígenas com um relato do que tem nas suas roças.

Figura 6. Mapa das roças das Aldeias Pradinho e Água Boa



Fonte: Hãmhi, 2023

Na roça de Rochinha Maxakali tem “teptakup (Pé de banana), Patxakup (Coqueiro), Măgkup (Pé de manga), Minkup (Pé de cana) e Kunapakup (Torneira) para molhar as plantas.”



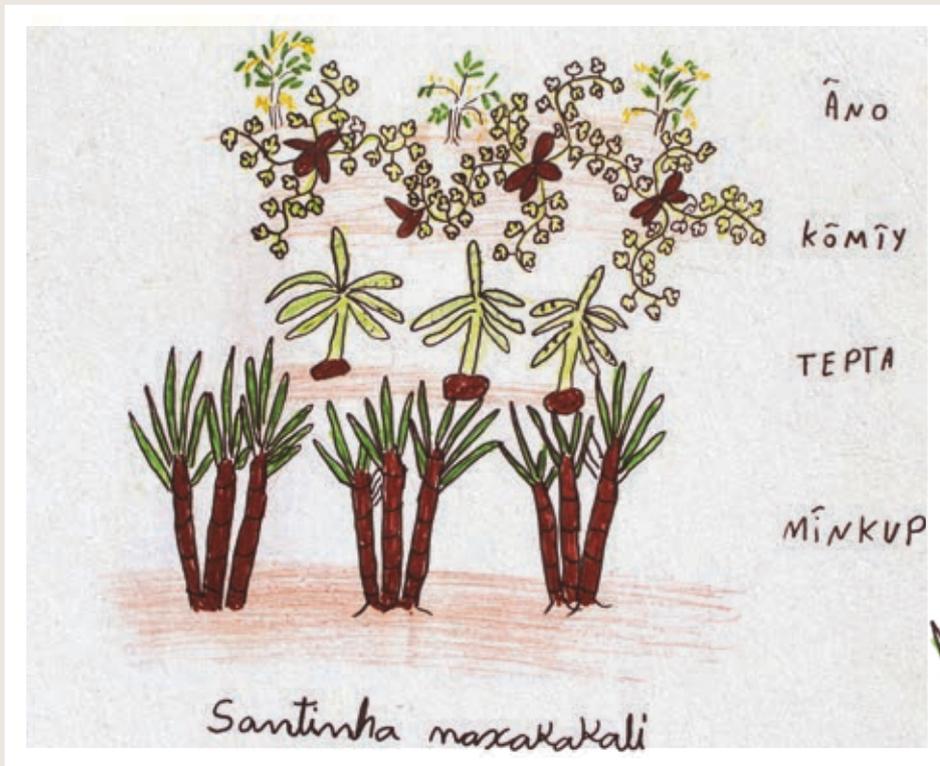
“Me chamo Lia Maxakali eu tô fazendo roça, eu mesma tô fazendo, eu todo dia tô molhando aqui pé de Jaca, laranja, coquinho amarelo, cana, banana e mamão.”



Na roça de Marilton Maxakali tem “Minkup (Cana), Tepta (Banana), Măgkup (Pé de manga), yak (Pé de jaca), Tây (Pé de tangerina), Nanuy (Pé de laranja), Kohot (Mandioca), Kŏmĭy (Batata), Kutita (Abacaxi), Âno (feijão Andu).”



Na roça de Santinha Maxakali tem “Minkup (Cana), Tepta (Banana), Kômîy (Batata) e Âno (feijão Andu).”



Relato de Adriana Maxakali: “Eu tô colocando aqui no desenho o que a gente fez lá na nossa roça, tem mamão, mandioca e cana, tem banana, só que não colocou no desenho porque esqueceu”.



Na roça de Maricota Maxakali “*agora tem batata, hortelã, melancia, mandioca e banana também e girassol*”.



Na roça de Izanilda “*tem dois pés de manga, tem mamão também, tem mandioca, tem pé de andu e banana. E tem duas casas.*”



Na roça de Laurindo tem “*pé de manga, bananeiras, mandioca. Tem também a casa do motor para irrigar, tanque de peixes, tem plantio de arroz.*”



Roças de Maria Vita Maxakali, Lia Maxakali e Rejane Maxakali.



Roças de Anizia Maxakali, Arnalda Maxakali, Gilmar Maxakali, Bianor Maxakali e Vitorino Maxakali.



Ao observar o detalhe das roças podemos verificar que a maioria das roças possuem muitos pés de frutas, cana-de-açúcar, vários tipos de mandioca e feijão-guandu.

Algumas roças apresentadas têm outras variedades como batata-doce, melancia, milho, abóbora, quiabo, maxixe, feijão catador (de corda) e algumas plantas medicinais. Alguns indígenas também fazem plantio de arroz.

*“Em cada desenho tem um pé de banana, mas temos vários tipos de bananas e árvores também. Banana da terra, banana-maçã, caturra, nanica, uma só banana representa vários tipos. Nós somos índios, mas cada um de nós temos o próprio nome. Um desenho pode ser um símbolo, está representando geral. Por isso tem de falar o que você plantou para o pessoal ver o que não tem, e aí vai procurar e trazer. Precisa pedir para trazer o que não tem, senão vai trazer aquilo que a gente não quer, vai trazer as plantas que gosta da nossa terra. Precisa trazer as plantas que dão aqui senão vai morrer tudo, não vai nascer porque não está acostumado com essa terra. Você vai plantar, você vai esperar dar fruta, vai ficar fraco e não vai crescer (Depoimento de indígena participante da Oficina de Roças).”*





## O que os Kitokos (crianças) gostam de comer?

Durante a oficina sobre alimentação, pedimos para os kitokos para desenharem o que eles comem e o que mais gostam de comer. Neste momento, eles relataram que se alimentam bastante de frutas e legumes plantados por eles e seus pais, mas também consomem alimentos industrializados que o vendedor ambulante leva até a aldeia, como salgadinhos, refrigerante, geladinho, bala, pirulito.



Os alimentos de “verdade”, como dizem os Maxakali, hoje são escassos e não são suficientes para alimentar as aldeias, sendo necessário comprar no mercado e mercearias da região. Eles relacionam a alimentação à saúde e relatam que esse alimento é ruim e deixa os indígenas fracos e doentes.

A base da dieta dos Maxakali atualmente inclui macarrão, arroz e alguma carne, principalmente frango. Além disso, eles consomem alimentos industrializados e à base de açúcar, como a “brazinha”, um picolé feito artesanalmente. Os Maxakali adoram frutas, que são frequentemente colhidas pelos indígenas. Essa relação com as frutas é retratada tanto nos desenhos feitos pelos adultos quanto pelas crianças. Em todas as aldeias encontramos árvores de maga, cultivo de cana-de-açúcar, em algumas encontramos uma diversidade maior, como abacate, jaca, coco e seriguela.



Para eles, a Floresta deveria ser a principal fonte de alimento, seja por meio da coleta de frutos, plantas utilizadas como remédio ou dos animais que caçam. Os alimentos são parte da religião, sendo eles retratados nos diversos cantos dos Yãmĩxop. No relato do indígena Vitorino Maxakali:

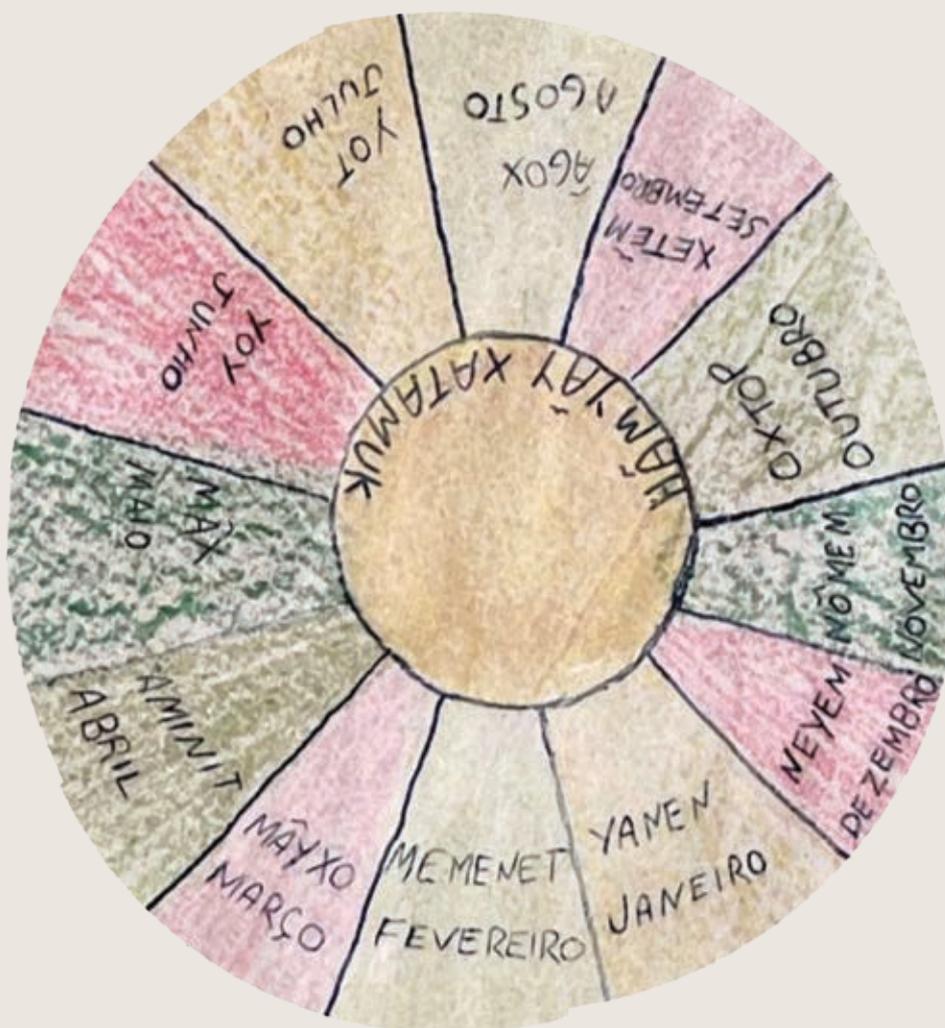
*“A religião cura as doenças, é medicina. Bicho é nosso alimento. Bicho tem que voltar. Precisa voltar alimento bom. Nós temos que correr atrás. Isso tem que voltar para nossos filhos, mais para frente, para ficar mais forte.”*

### 3.3.3. CALENDÁRIO ANUAL DOS MAXAKALI (HÂMYÂY XATAMUK)

Para conhecer um pouco mais sobre os modos de vida no território, os Maxakali elaboraram um calendário do ciclo anual, chamado por eles de *hâmyây xatamuk*.

De forma geral foram registradas no calendário informações sobre plantas e formas de cultivo nas roças, animais que se alimentam do que é produzido nas roças, caça, pesca, coleta de recursos naturais, espécies animais que ocorrem na região, eventos climáticos, saúde e religião.

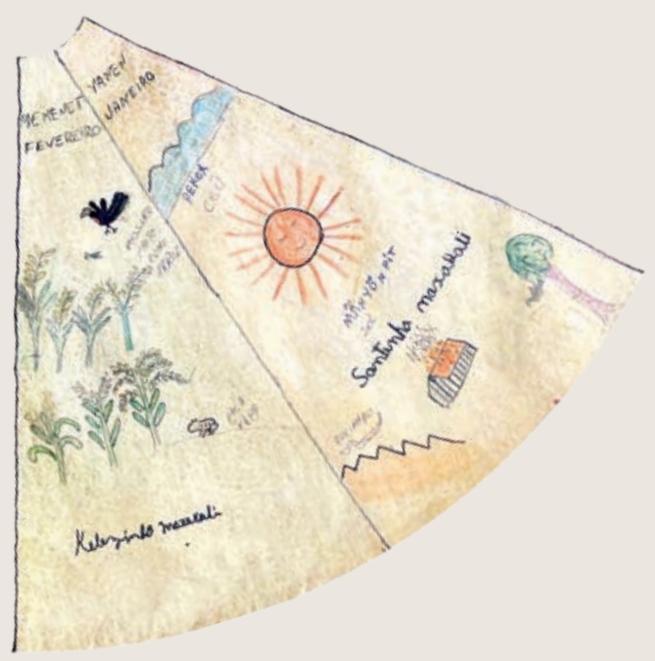
Embora o processo de elaboração tenha envolvido diálogos entre vários participantes, na hora de desenhar, eles se organizaram de forma a dividir cada mês entre os indígenas. Nesse momento, a participação das mulheres foi significativa. Essa colaboração e distribuição de tarefas refletem a riqueza da cultura e a importância da coletividade na comunidade Maxakali.



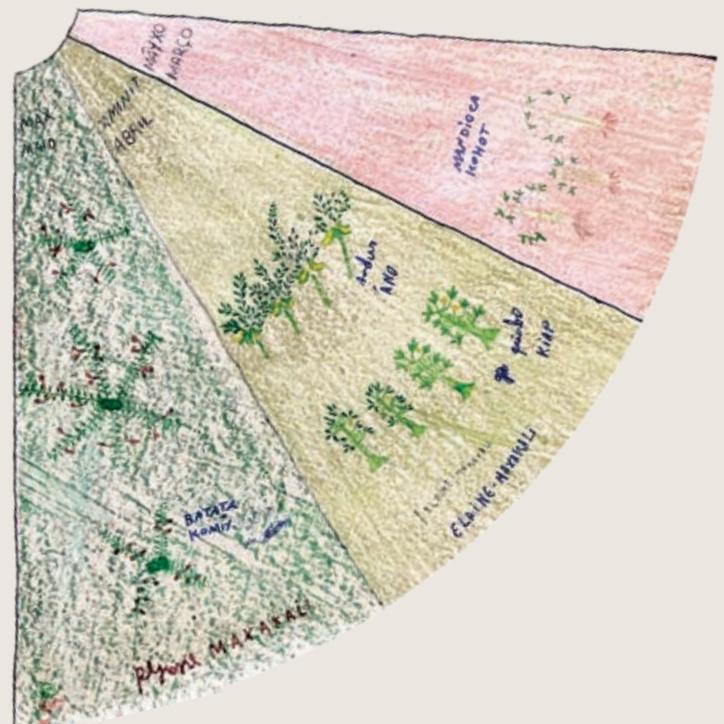


A maioria das informações foram apresentadas em relação a um mês ou um período de meses, mas houve um relato de atividades que parecem acontecer ao longo de todo o ano. Vitorino comenta que *“qualquer mês que nós trabalhamos, tem a roça, a caça, a religião, a festa”*.

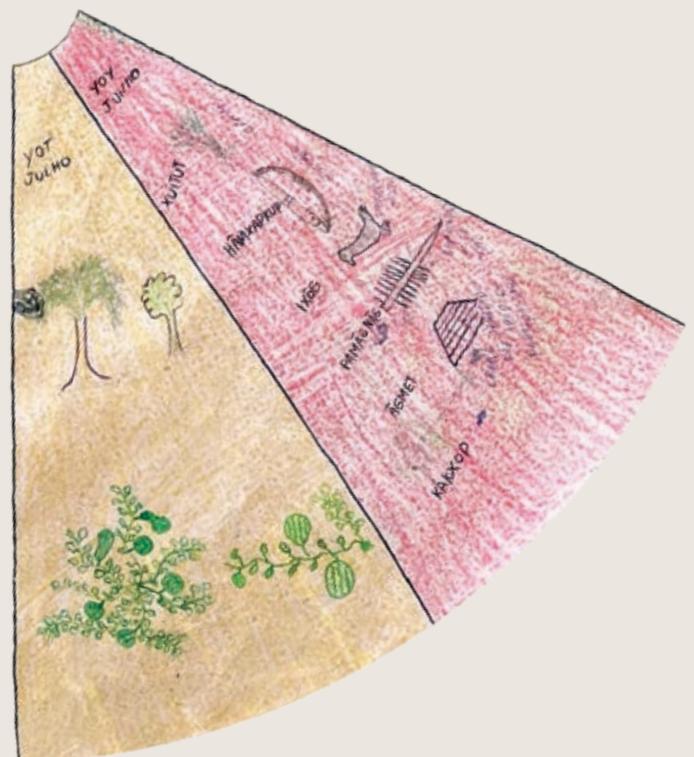
Em **janeiro** (*yanen*) a questão do calor ganha destaque, pois a seca afeta o capim que pega fogo mais facilmente dispersados pelos ventos. Segundo relatos, já houve casos de incêndio em casas na aldeia Pradinho e em aldeias vizinhas. Nos meses, janeiro e fevereiro, é realizada a colheita de arroz, que é consumido em parte pelo pássaro preto (chamado de xexeu). Segundo relatos, em **fevereiro** (*memenet*) ocorre a colheita de ingá e coquinho vermelho. Também ocorre, o batismo das crianças no rio (religião), após o batismo, a criança dorme 2 dias na casa de religião e recebe ensinamentos sobre caça. É citada a ocorrência de pacas.



Nos meses de **março** (*mâyxo*), **abril** (*aminit*) e **maio** (*mâx*) ocorre o preparo das roças. Em março várias sementes são plantadas, incluindo batata, mandioca e abóbora. Embora o desenho mostre pés de mandioca, segundo o relato de Davina Maxakali, a quantidade de mandioca não é tão grande nessa época. Em abril são plantadas culturas como quiabo, milho, abóbora e feijão. Além das plantas mencionadas no desenho, também são retratados pés de andu. Vale ressaltar que há relatos de ocorrência de lagartas no capim que predomina na TI. Em 19 de abril, em função do Dia Nacional do Indígena, é organizado um encontro para lembrar o passado e os alimentos que eram cultivados. Nesse evento, é comum ver artesanato, pintura, arcos e flechas. Em maio, alguns relatam que é o momento de plantar batata, enquanto outros dizem que é hora de colher. Davina menciona o plantio, pois a neblina ajuda a molhar as plantas. O clima começa a esfriar, e doenças como gripe e tosse são tratadas com medicina do mato e folha de laranja.



Em **junho** (*yoy*) é época de colheita de batatas, milho e mandioca. Na atividade de caça, são preparados bodoque, arco, armadilha para tatu e arapucas para aves, que parecem em abundância devido à disponibilidade de semente de capim. Relatam que as aves estão fazendo seus ninhos devido a boa quantidade de alimento. As arapucas são feitas em geral pelas crianças e as mulheres pescam. As temperaturas mais baixas e as doenças de frio como tosse e gripe começam a aparecer neste mês.



**Julho** (*yot*) segue com o clima frio, e os indígenas aquecem a água para tomar banho. O clima afeta os animais que ficam doentes com berne e coceiras. São coletadas madeira para casas, coqueiro para artesanato e taquara para caça. Alguns relataram o plantio de melancia, mas segundo Davina, "se plantar melancia não vai dar bom porque está muito frio", ela também relatou que da mesma forma se plantar mandioca acaba apodrecendo.

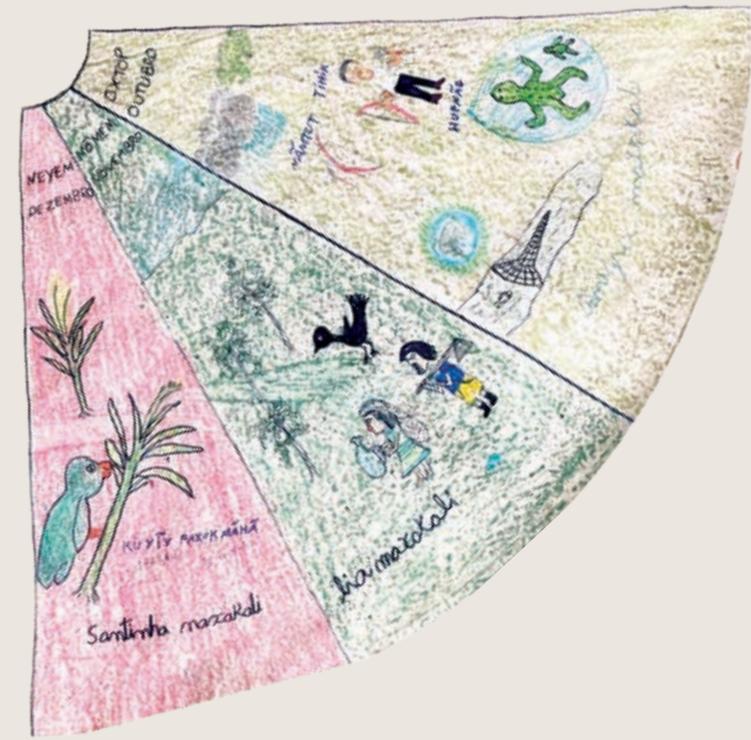
**Agosto** (*âgox*) é citado o plantio de melancia e continua até dezembro, onde também há o preparo da roça de arroz e colhe-se mandioca. Neste mês começa o vento mais forte que estraga os telhados de capim das casas. É relatada as atividades de pesca e no desenho aparece uma mulher com o tuhut, um tipo de armadilha usada para pescar.

Em **setembro** (*xetêm*) o clima fica quente e seco, o vento diminui, ocorrem queimadas e os animais morrem pela seca. A qualidade da água do rio piora, ele fica mais raso e barrento, deixando os peixes doentes. Apesar disso, houve relatos de que as mulheres pescam em quantidade utilizando uma espécie de rede em arco. No desenho, de autoria de Vita Maxakali, é retratada a cena de pesca das mulheres com os artefatos utilizados. A coleta de urucum nas fazendas é feita por mulheres. Neste mês ocorre o preparo das áreas para a roça de arroz e as melancias são colhidas. Davina relata que nesta época a caça é boa.

A diversificação da fauna ganhou destaque nos relatos e registros do mês de **outubro**, (*oxtop*) época onde ocorrem as chuvas. Foi mencionado o aparecimento de espécies de animais como, perereca, rã, lagartos (estes se alimentam de comem capim e são alimento das rãs), cobra d'água, cobra cega, jararaca, capivara, jacaré, cigarra, e o aumento na quantidade e no tamanho dos peixes. A disponibilidade de alimento favorece o aparecimento de animais, segundo relatos dos indígenas, os animais aparecem com maior frequência devido à disponibilidade de alimento. Neste mês rãs são caçadas com arco e flecha, as crianças pescam com anzol e no desenho há o registro de armadilha de peixes chamada de tuhut. Neste mês ocorre o plantio de arroz e melancia e a colheita de batata.

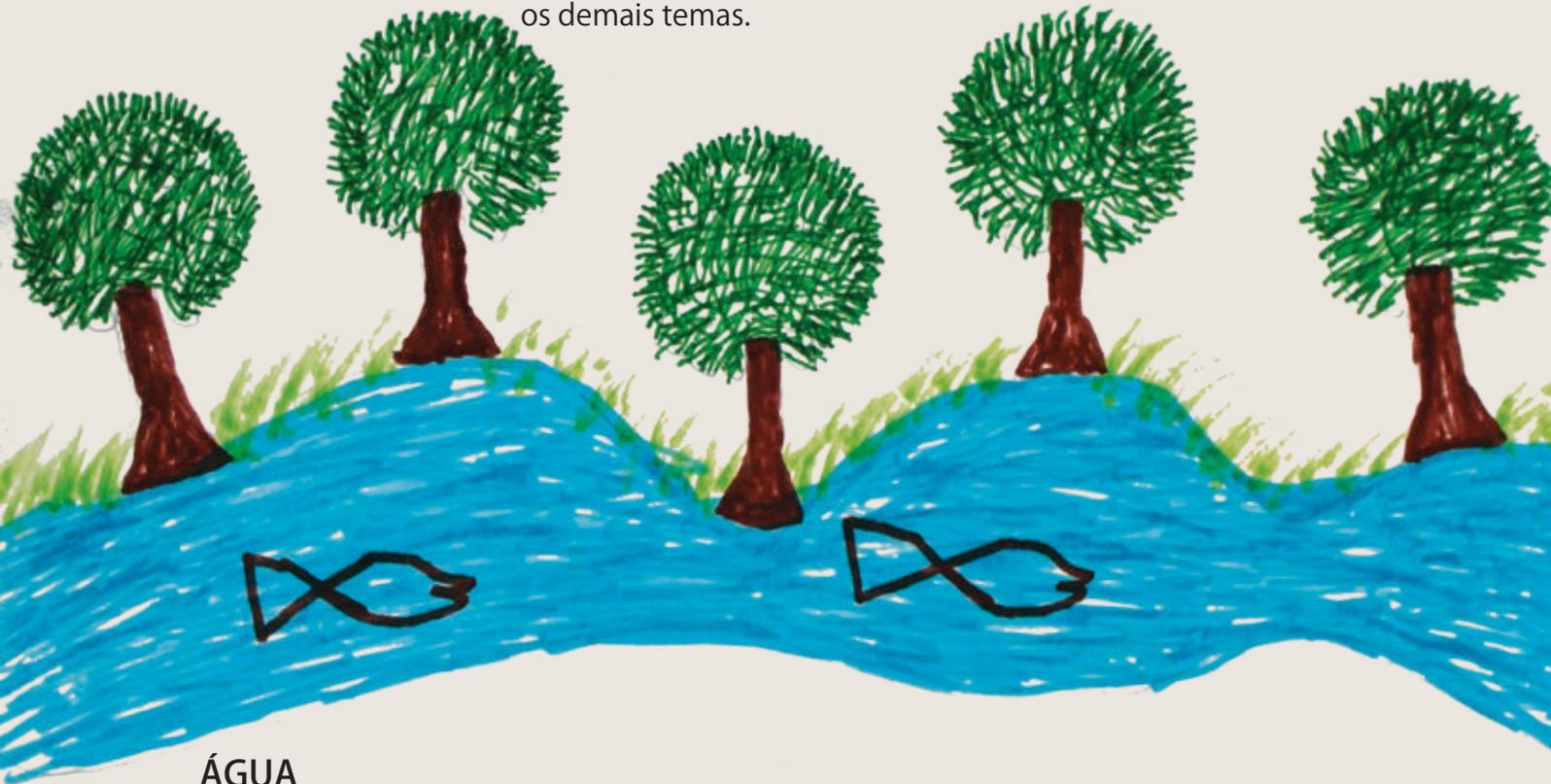
Em **novembro** (*nômem*) ocorre o preparo das roças e início das colheitas, de milho, batata, cana-de-açúcar, amendoim, feijão e melancia. Com a colheita do milho, surgem os pássaros, como é o caso do pássaro Maria Preta.

Encerrando o ano, o mês de **dezembro** (*neyem*) traz em relato e no desenho de Santinha Maxakali, a presença de uma espécie de papagaio que come o milho e também tem referência em práticas da religião Maxakali.



### 3.3.4. SAÚDE E MEIO AMBIENTE: COMO ESTÁ E O QUE PRECISA MELHORAR

Em relação aos temas saúde e meio ambiente foram trabalhados em dois dias de oficinas, onde foram abordados aspectos da saúde em geral e, no quesito meio ambiente, foram abordadas as questões dos resíduos sólidos (lixo) e da água. Como existe uma estreita relação entre os três temas (água, saúde e resíduos) optamos iniciar pelo tema mais familiar para eles e a partir disso avançar para os demais temas.



#### ÁGUA

O tema água foi onde houve mais conversas, relatos e um maior volume de informações. Puderam ser trabalhados os aspectos ligados à alimentação, saúde, diferentes usos da água pelos Maxakali, formas de abastecimento nas aldeias e algumas questões sanitárias. Conforme mencionado anteriormente, os Tikmũ'ũn têm uma relação muito estreita com a água, sendo os rios e pequenos açudes usados frequentemente para se banhar e se refrescar devido ao calor.

Quanto à estrutura de abastecimento (captação e armazenamento), segundo a SESAI, dentro da Aldeia Pradinho existem 4 poços

artesianos com 6 caixas de água grande como reservatório onde a distribuição é feita por gravidade. Em escala menor, as aldeias contam com caixas d'água menores, que atendem a uma ou mais famílias. Todas as aldeias são abastecidas por, pelo menos, um ponto de água, embora não haja tratamento em nenhum sistema. A SESAI está implementando tratamento para todos os poços, utilizando filtros industriais para remover o ferro e, assim, tratar a água. A instalação dos filtros depende de obra de urbanização dos poços que já foram iniciados no poço da aldeia Vila Nova.



Os Maxakali utilizam a água para cozinhar, para banho, para beber e lavar roupas. Os mesmos relataram que a água retirada dos poços e armazenada nas caixas d'água menores apresentam sérios problemas. Essa água, de vez em quando vem suja prejudicando a qualidade e gerando problemas de saúde como dor de barriga e diarreia. Além disso existe a necessidade de limpar regularmente essas caixas, sendo necessário uma orientação de como fazer e que equipamentos e materiais são necessários para essa limpeza. Outra preocupação levantada pelos indígenas diz respeito à necessidade de manter as caixas d'água devidamente fechadas com tampa. Isso se deve ao fato de

que, ocasionalmente, os Kitokos (crianças) acabam jogando sujeira e objetos dentro das caixas d'água.

Ainda sobre o abastecimento da água nas aldeias, conforme depoimento da professora Zilene (especialista educacional), existem estruturas de captação de água de chuva no prédio central e em dois anexos da escola, distribuídos pelas aldeias. No prédio principal a água coletada é usada quando não é abastecida por outras vias. Neste caso é feito uso para lavar as salas e a escola, para regar as plantas na horta próximo ao prédio principal. A professora relatou que independentemente da localização, o sistema tem pro-



blemas com os canos, calhas e com os motores instalados na construção. No prédio principal da escola, por exemplo, o cano está longe da calha e água cai no chão e acaba se perdendo. De acordo com a professora, existe a necessidade de viabilização de recursos para o concerto das calhas e canos.

Os indígenas relataram que atualmente as fontes naturais de águas para a Aldeia Pradinho estão muito prejudicadas, com destaque para o Rio Umburana e os brejos. Os Maxakali enfatizaram que gostariam muito de coletar água das nascentes, pois consideram esta água muito melhor e mais saudável. Atualmente utilizam a água do rio para lavagem de louças e roupas e para banho, sendo que os açudes também são locais de banho. Junto aos kitokos, os mesmos relataram que consomem a água do rio.

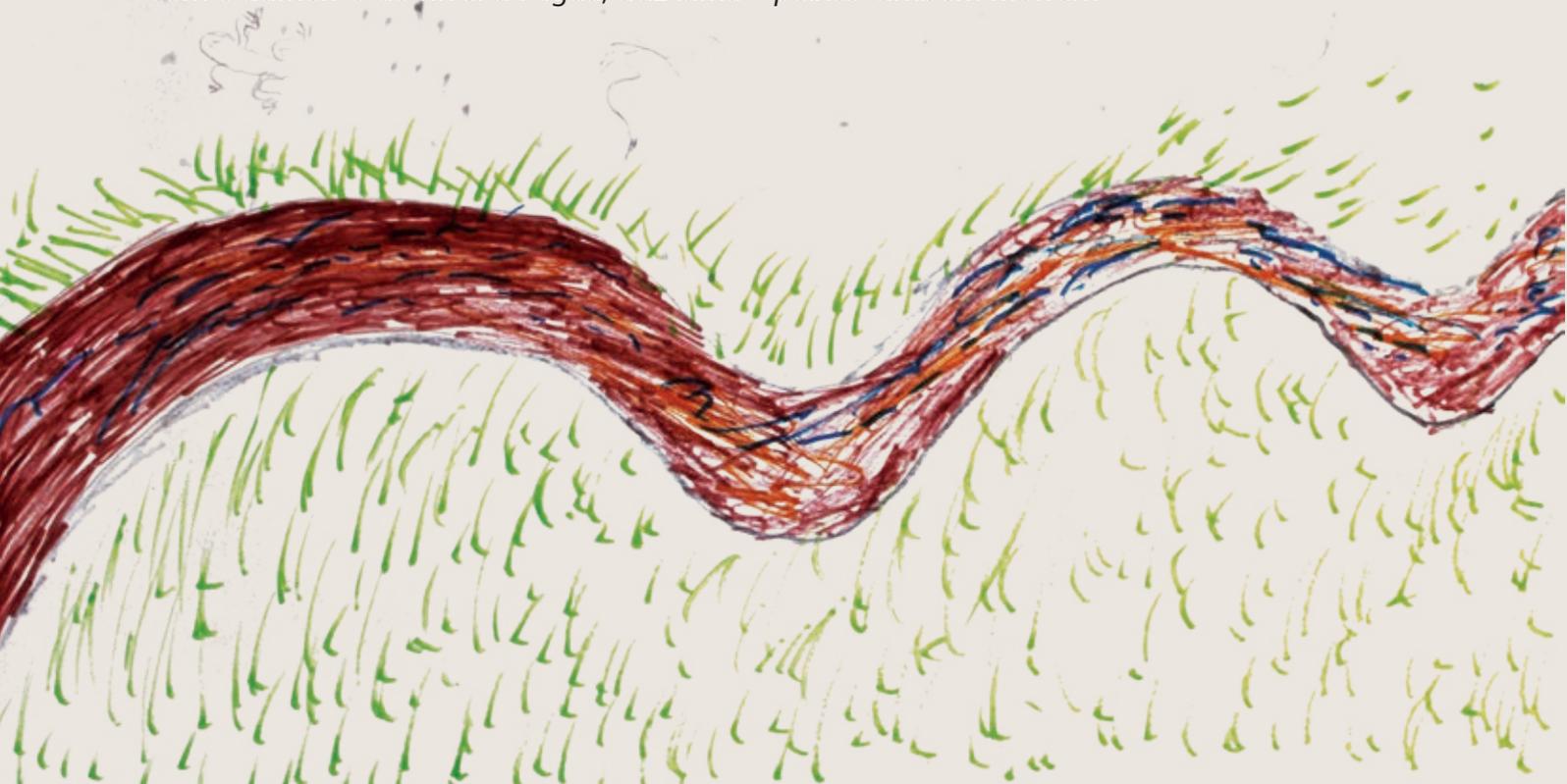


A qualidade da água do rio sofre alterações conforme o clima. Em alguns depoimentos foi relatado que em épocas secas, a qualidade das águas melhora, porém, em época de seca prolongada, com a redução do volume no rio, a água fica ruim adoecendo os peixes. Neste momento, os indígenas evitam tomar banho de rio, pois também adoecem.

Na época das chuvas, o rio fica ruim, pois com o aumento do nível da água, traz lama

dos morros e deixa o rio avermelhado. Outro fator que afeta a qualidade da água do rio é o despejo de lixos (como fraldas, chinelos e tecidos) e animais mortos, oriundos de fora da TI.

Segundo o relato do indígena Maxakali, Laurindo, *“quando chove muito, a água da chuva desce e mistura com o rio e traz sujeira e traz doença. A água fica vermelha, e os peixes também morrem.”*



Sobre os brejos há relatos que hoje sofrem impacto do capim, piorando a qualidade da água e reduzindo a diversidade e quantidade da fauna. Antigamente, relataram que havia muito mais quantidade de jacarés, peixes e capivaras.

Os aspectos ligados ao saneamento foram pouco mencionados, sendo relatado que as casas não possuem banheiros, mas que a comunidade tem interesse em conhecer propostas de modelos que se adequam à sua realidade. Comentaram que já houve algu-

mas tentativas sem sucesso. Outro aspecto citado pelos indígenas foi o problema com os dejetos vindos da criação de animais, a exemplo de porcos e galinhas que acabam contaminando os arredores dos locais de criação e circulação. Já os dejetos de gatos e cães dentro das casas contaminam o local, assim como aqueles que ficam espalhados pelas áreas externas.

A SESAI informou que não há nenhum sistema de esgotamento sanitário nas Aldeias dentro da TI.

## RESÍDUOS SÓLIDOS (LIXO)



Sobre o lixo, ou gestão dos resíduos sólidos, a situação é bem precária, pois não existe coleta por parte da prefeitura, o que resulta em soluções inadequadas por parte dos moradores. Segundo depoimentos, a última vez que foi solicitada a coleta ao município foi em 2017, e até agora nada foi feito. Foi possível observar nos espaços coletivos da Aldeia Pradinho muito lixo, tanto espalhados como acumulado em diversos pontos, em grande parte oriundos de embalagens

plásticas, mas também diversos tecidos, cobertores, panelas, partes de fogão e diversos outros tipos.

Os próprios indígenas reconhecem que existe esse problema, sendo relatado também o lançamento de chinelos, tecido e roupas velhas, tampas de fogão e fraldas descartáveis no rio. Também relatam que animais mortos são jogados no rio nas áreas externas da TI e que acabam sendo trazidos para as aldeias pela correnteza.



De acordo com os indígenas, existem diversas maneiras de lidar com o lixo. Essas incluem varrer o interior das casas e os espaços externos, seguido de enterrar ou queimar os materiais. No entanto, todas essas alternativas apresentam problemas. Em muitos casos, o lixo varrido é simplesmente deixado próximo às casas. Infelizmente, quando chove, a água se contamina com os resíduos, resultando em problemas de saúde para as pessoas e animais. A prática de enterrar resíduos já é vista como um problema na aldeia. Segundo o relato de um indígena, ao preparar o solo para o plantio, foi encontrado muito lixo enterrado. Na percepção deste indígena, já existe muito lixo enterrado e que esta não é uma boa solução, pois sabe que alguns materiais não somem rapidamente na terra.

O hábito de queimar o lixo é comum em todas as comunidades rurais, e aqui não é diferente, principalmente por não haver o serviço de coleta dos resíduos. Por conta disso, a solução é varrer o lixo da volta das casas e depois queimar. Durante os dias de oficina foi possível verificar a queima do lixo.

As soluções discutidas durante esta conversa envolvem exigir a coleta de lixo por parte do município de Bertópolis/MG. Para isso, propõe-se a colocação de tambores nas aldeias, onde o lixo será reunido e, posteriormente, recolhido pela prefeitura.

## SAÚDE



Em relação a saúde, os indígenas relataram que as crianças adoecem mais que os adultos, embora estes também apresentem problemas. As doenças mais citadas foram diarreia, vômitos e dor de cabeça, sendo que as crianças sofrem mais com a diarreia. Foi relatado que existe a possibilidade de os cachorros transmitirem sarna, que é tratada com água e sabão, e que quando os cães estão muito doentes, são sacrificados.

Os indígenas usam medicina tradicional para várias doenças como febre, dor de dente, dor de barriga e dor de garganta. Para a febre é feito uma mistura com folhas e sal, aplicação em 5 pontos e depois uma sangria. Também são usadas como chá folhas de laranjeira, manga, goiaba, andú, cidreira, fedegoso, e aplicação de gordura de capivara na garganta.

### Conversa sobre o desenho

**Mediador:** Essas plantas é de medicina? Tudo de medicina?

**Maxakali:** É!

**Mediador:** Esse é uma palmeira?

**Maxakali:** Não! Esse é árvore, aquele que tem espinho

**Mediador:** E usa pra que?

**Maxakali:** Quando você tá com dor de barriga, diarreia, tira a casca desse aqui, ferve a água e põe dentro.

**Mediador:** Como vocês chamam isso? A gente chama de chá. Vocês também chamam chá?

**Maxakali:** Não, chá é diferente.

**Mediador:** Mas toma?

**Maxakali:** Tira a casca que tava cozinhando e joga fora, depois esfria e toma.



Para diarreia das crianças são usados remédios convencionais alopáticos. Para a dor de dente é colocado no algodão óleo de angico.

Segundo a SESAI, existe atendimento dentário nas aldeias, mas que é um desafio trabalhar hábitos como escovação e alimentação adequada. Existe um Programa de Saúde na Escola, onde uma vez ao ano os profissionais da saúde realizam palestras e atividades abordando assuntos como alimentação, saúde bucal e água, dentre outros temas. Em geral, os indígenas só procuram o dentista somente em casos mais graves. Com as crianças são realizadas algumas atividades nas escolas, sendo que são distribuídas escovas de dentes, mas, em geral, elas acabam sendo jogadas fora.

A SESAI relatou que os indígenas possuem as mesmas doenças que os não indígenas, contudo algumas doenças são mais evidentes como o alcoolismo. Eles usam bastante medicamentos para dores musculares no corpo e comentaram que está surgindo alguns transtornos mentais, principalmente nos jovens, pelo uso exagerado de celulares.

Os Maxakali relataram que quando ficam doentes primeiro fazem uso da medicina tradicional, caso não melhorem “fazem religião” (envolvendo rezas e oferendas de comidas, e onde eles têm sonhos). Após a religião, se não houve melhora, o doente é levado ao hospital, este na cidade de Machacalis (hospital mais próximo da TI) e se não ocorrer a cura no hospital, os indígenas procuram o curandeiro<sup>3</sup>.

De acordo com os indígenas, o foco das doenças pode surgir próximo às casas ou aldeias. Alguns ressaltam a importância da limpeza e organização para evitar a contaminação. Além disso, eles relacionam

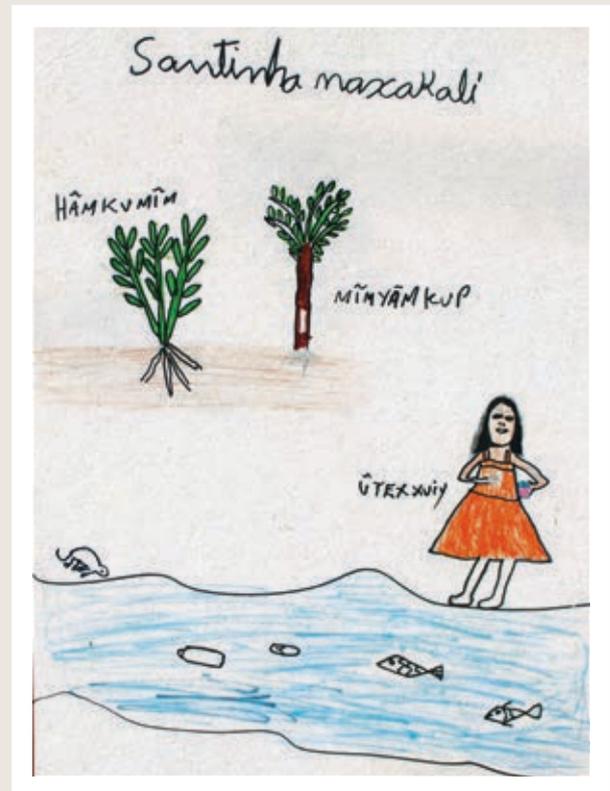
os problemas de saúde à má qualidade da água e da alimentação. Um dos pontos destacados nas discussões foi o resguardo após o parto. Antigamente, havia mulheres mais experientes na aldeia que possuíam conhecimento sobre partos e eram chamadas para auxiliar durante o processo. No entanto, nos dias atuais, a maioria dos partos ocorre em hospitais, o que muitas vezes resulta na falta de respeito ao período de resguardo pós-parto. O resguardo antigamente durava até 6 meses, mas hoje dura em torno de 2 a 4 meses. O resguardo envolve o casal e implica em restrições alimentares e atividades específicas. Foi relatado que o casal não pode comer carne de porco, carne de vaca, feijão velho, melancia, jaca, e permitido comer peixe, ovos, frango e sardinha. Somente após 30 dias é liberada a alimentação com carne. Em outro relato foi mencionado que se comer carne “*vira bicho e fica doidão*”.

De acordo com depoimento de Manuel, liderança Maxakali, durante o resguardo a mãe não deve mexer nas comidas, O casal não deve dormir excessivamente e não é permitido que durmam juntos. o banho deve ser tomado apenas com água quente. Antigamente, era comum usar um pauzinho para coçar a cabeça e os olhos, evitando o contato direto com as unhas sujas. Infelizmente, essa tradição está se perdendo com o tempo. Alguns indígenas contam que: De acordo com depoimento de Manuel, liderança Maxakali, durante o resguardo a mãe não deve mexer nas comidas, O casal não deve dormir excessivamente e não é permitido que durmam juntos. O banho deve ser tomado apenas com água quente. Antigamente, era comum usar um pauzinho para coçar a cabeça e os olhos, evitando o contato direto com as unhas sujas. Infelizmente, essa tradição está se perdendo com o tem-

<sup>3</sup> Curandeiro, aquele que diz curar por meio de rezas e/ou benzeduras, feitiçarias, chás, raízes e garrafadas (Fonte: <https://www2.ufjf.br/nates/wp-content/uploads/sites/628/2009/12/Curandeirismo.pdf>).

po. Alguns indígenas contam que: “quando quebra o resguardo o casal adocece, a mulher não se recupera e o homem fica doidão.” Foi mencionado que hoje em dia é normal quebrar o resguardo. No hospital em Machacalis/MG e no posto de saúde da aldeia existe algum respeito ao resguardo. No entanto, as mulheres mais novas (20 a 25 anos) que vão parir no hospital, acabam não respeitando o resguardo.

Em conjunto a essa conversa sobre saúde, água e resíduos, alguns indígenas fizeram desenhos representando o que foi falado e o que podia melhorar na visão deles. Alguns focaram em saúde, outros em lixo, outros nas águas e outros comentaram e desenharam um pouco de cada um destes temas.



Em conversa com a SESAI junto ao Pólo de Machacalis/MG que presta atendimento ao TI Maxakali, existe uma equipe multidisciplinar que trabalha 24 horas, nas aldeias. O atendimento à atenção primária à saúde é feito tanto no posto de saúde como nas aldeias, onde os profissionais circulam para diagnóstico, tratamento e acompanhamento aos indígenas.

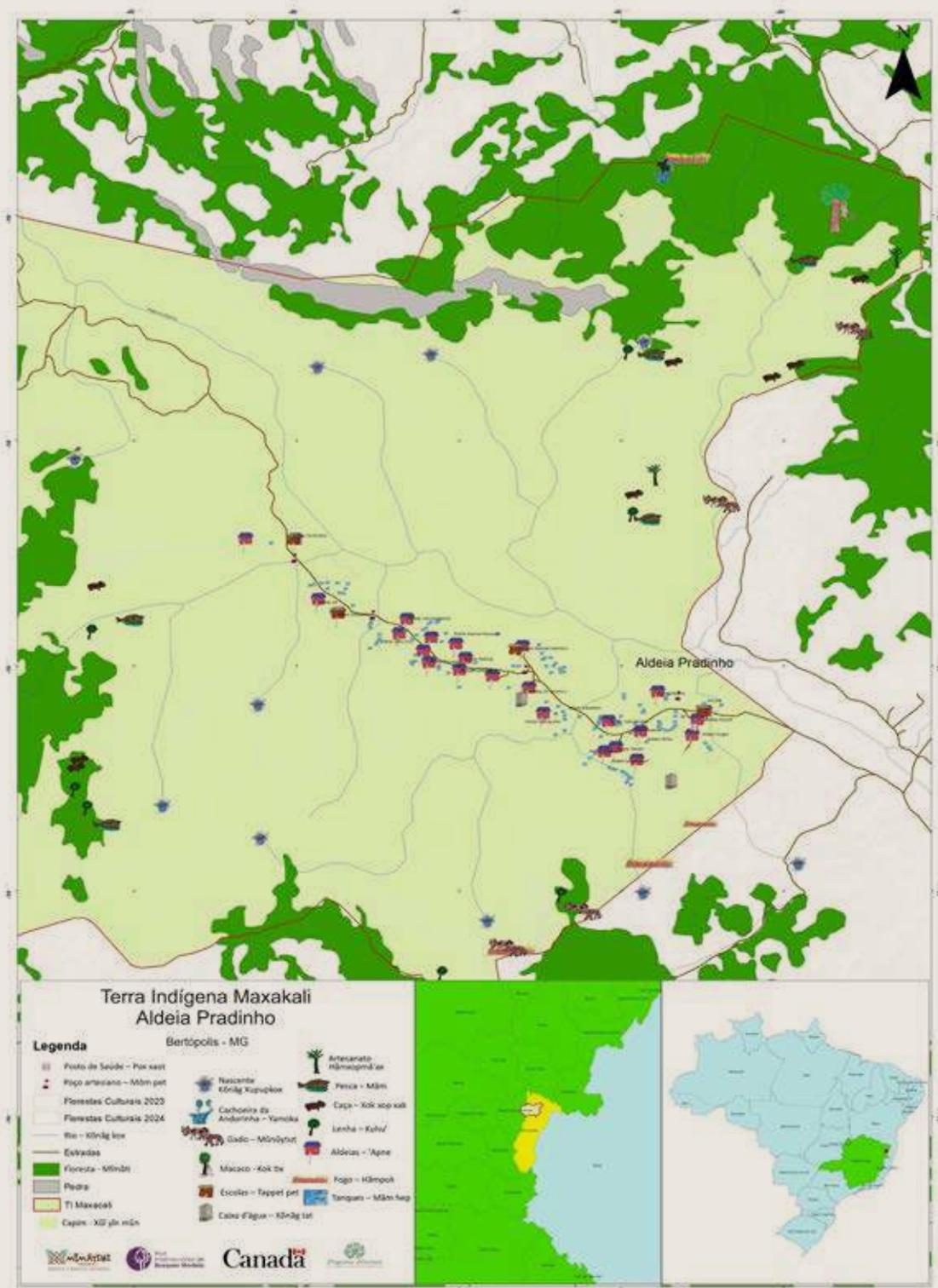
### 3.3.5 MAPA FINAL CONSOLIDADO

Esse mapa é um compilado dos mapas elaborados pelos indígenas nas oficinas participativas. Ele apresenta as florestas existentes, os trechos com capim, todas as aldeias do Pradinho com as quatro escolas, os poços artesianos, as caixas d'água e o posto de saúde.

O mapa também apresenta as áreas onde ainda ocorre caça, pesca, retirada de madeira e

fibra, as queimadas ocorridas no final do ano passado (2023) e os locais onde ocorrem a entrada de gado e cavalo para dentro da TI. Além dessas questões, os indígenas também indicaram as nascentes e a Cachoeira da Andorinha.

A produção desse mapa buscou representar todas as questões trazidas pelos Maxakali durante as oficinas de mapas, compondo com os próprios desenhos deles e respeitando o que foi produzido pelos próprios indígenas.



### 3.4. ASPECTOS CULTURAIS: UM BREVE REGISTRO

#### 3.4.1. AS CASAS

Nas aldeias, a maioria das casas são feitas de barro com uma técnica chamada pau-a-pique bastante utilizada nas comunidades do interior do Brasil. Originalmente as casas são cobertas de palha, mas muitos indígenas já estão cobrindo com telha de barro. Existem algumas poucas casas de alvenaria e estruturas abertas com pilares e telhado que criam espaços com sombra para atividades variadas da comunidade.





Escola na Aldeia de Manuel Damásio

### 3.4.2. O ARTESANATO

Os Maxakali produzem artesanato variado. São diversos tipos de utensílios, como rede e linha de pesca, rede de dormir e bolsas. Muitos desses objetos são feitos de fibra da embaúba, contudo, pela dificuldade de achar essa espécie, hoje eles substituem alguns objetos por linhas comuns.

As mulheres estão sempre fiando e produzindo bolsas e outros materiais. Pela falta de embaúba, elas desmancham roupas antigas e sacos para fazer novos objetos.



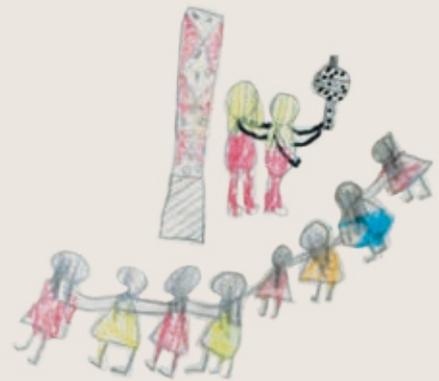
### 3.4.3. CONFECÇÃO DOS VESTIDOS

Os Maxakali produzem artesanato variado. As mulheres Maxakali fazem seu próprio vestido. O que nos foi relatado é que este estilo de vestido foi adotado após um contato com um grupo de ciganos há muitos anos. São usados tecidos de algodão e sintéticos além de adereços como lantejoulas, rendas e outros materiais que dão brilho e são coloridos.



### 3.4.4. AS BRINCADEIRAS DOS KITOKOS (CRIANÇAS)

As brincadeiras das crianças geralmente são ao ar livre, gostam bastante de se divertir no rio e seus brinquedos são feitos por eles mesmos utilizando materiais que encontram na aldeia como madeira, alumínio, plásticos, pneus, entre outros. Também existe uma grande movimentação relacionada ao futebol, reunindo times de várias aldeias.



■  
■ 4 ■  
■

## APONTAMENTOS IMPORTANTES: Demandas para continuidade



A última oficina realizada teve como tema a apresentação dos resultados do mapeamento socioambiental e propiciou um momento para falar sobre “o que precisa melhorar” em relação aos temas abordados. Os temas foram: floresta, alimentação, saúde, água e resíduos (lixo) e o objetivo foi pensar e refletir as ações e demandas de continuidade de acordo com a realidade atual dos Maxakali.

Neste encontro foram convidados os professores das escolas em reconhecimento ao papel fundamental na educação e formação dos indígenas.

A equipe trouxe uma série de apontamentos e orientações sobre esses temas, a saber:

### ◆ FLORESTA

- ◆ A ênfase na noção de tempo, pois para “trazer floresta de volta” estima-se mais de 20 anos;
- ◆ A importância do cuidado das matas que ainda existem, deixando as árvores crescerem para dar frutos e sementes e não retirando tudo para que a natureza tenha como se reproduzir (árvores, sementes, animais);
- ◆ A necessidade de plantar árvores que os Maxakali precisam, como frutíferas, madeira, artesanato, medicina, etc.;
- ◆ A importância do cuidado dos plantios já realizados, considerando a limpeza e a irrigação das mudas;
- ◆ A necessidade de aprender mais sobre SAF (sistemas agroflorestais) e restauração florestal;

Neste momento, os indígenas enfatizaram a importância da floresta. “Floresta traz água, alimento, animais. O projeto acaba, as ilhas estão aí. Se não cuidar, aldeia vai perder, não vai ter mais. Cada aldeia precisa cuidar do que tem.”

Uma questão importante debatida neste momento foi a necessidade do plantio de embaúba dentro da TI, sabendo que é um recurso muito importante para os indígenas e que não existe essa espécie na área. Foram trazidas várias instruções em relação ao manejo, corte e dispersão de sementes da embaúba, e principalmente a necessidade de coleta de sementes da espécie utilizada por eles para a produção de mudas e plantio dentro da aldeia.

### ◆ ALIMENTAÇÃO E SAÚDE

- ◆ A necessidade de diversificar as roças;
- ◆ A importância de guardar sementes para novos plantios e realizar a troca das sementes entre as aldeias;
- ◆ A importância em aumentar alimento bom que vem da floresta e das roças;
- ◆ Os SAFs e as roças precisam ser diversos trazendo alimento, madeira para diversos usos, sementes e medicina;
- ◆ A importância em cuidar da saúde dos animais para não trazer doenças para os Maxakali.

Neste momento, os indígenas salientaram que *“arroz, macarrão não é nossa tradição. Precisa todos juntos para reforçar para floresta voltar. Trazer as coisas para as Aldeias, para voltar nossa comida, nossa medicina. Maxakali precisa mata de volta. As mulheres têm alimentação fraca e aí amamenta criança, mas o leite é fraco”*.

### ◆ ÁGUA

- ◆ A necessidade de proteger rios e nascentes (floresta cuida a água);
- ◆ A importância de não jogar lixo (restos de comida, tecida, fraldas) nos rios, pois contamina a água;

- ♦ A necessidade de estudar e pensar em como seria um banheiro bom para os Maxakali;
- ♦ Reforçar que os dejetos de animais e humanos não podem ser feitos perto do rio (contamina água). Se não tem banheiro é bom enterrar.
- ♦ A SESAI tem projeto de filtro para melhorar água para tirar o excesso de ferro. Precisa pedir para a SESAI orientar como limpar as caixas d'água.

### RESÍDUOS (LIXO)

- ♦ O lixo espalhado traz doenças. Não é bom enterrar nem queimar o lixo.
- ♦ As embalagens e o lixo reciclável como plástico, metal, vidros, panelas precisam ser reunidos para levar embora;
- ♦ A necessidade de ter tonéis de lixo para armazenamento e posterior coleta pela prefeitura;
- ♦ O lixo que não pode sair, que é perigoso para os Maxakali do ponto de vista cultural, é melhor queimar, sendo possível fazer um forno de barro para isso.

Em relação ao tema saúde e meio ambiente, principalmente sobre os cuidados com a água e os resíduos sólidos, foi identificada uma percepção limitada deles. A impressão que se tem é de que não há uma orientação ou processo educativo que trabalhem e construam com os indígenas soluções adequadas, tanto do ponto de vista ambiental e ecológico, quanto do ponto de vista de abordagens adaptadas à cultura dos Maxakali. Neste sentido, por falta de uma compreensão maior em relação a esses assuntos, não houve grandes contribuições por parte dos indígenas de ações de melhoria.

Acredita-se que por não estarem habituados a projetos e atividades de gestão socioambiental e territorial participativa e por terem uma condição de vida difícil, houve a dificuldade de os indígenas falarem sobre sua realidade atual. Para todos os assuntos levantados, os Maxakali retratam uma realidade do passado, do que tinham e do que querem de volta. As informações sobre como é hoje sempre vinham depois de bastante conversa para explicar a importância de saber como é hoje para pensar em como chegar no sonho do que querem.

Esse mapeamento trouxe informações importantes, contudo, os indígenas possuem muito conhecimento sobre os recursos naturais que não puderam ser aprofundados. Os resultados reforçam a necessidade da realização de um diagnóstico mais amplo, com prazos maiores, tanto para aprofundar os temas trabalhados, como abordar os demais temas que ficaram a parte deste mapeamento.

A abordagem participativa, que acreditamos ser a mais indicada, demanda um tempo maior para planejamento e execução, o que se acentua no caso de comunidades indígenas com o perfil similar à comunidade Maxakali. Nesta abordagem, durante as oficinas são realizadas diversas atividades como condução e moderação de diversos grupos (adultos, mulheres, jovens e crianças) simultaneamente e o registro das atividades, trazendo uma maior complexidade ao processo. A dinâmica de trabalho em comunidades tradicionais necessita de uma equipe maior e com habilidades em processos dialógicos e participativos.

Há a necessidade de avançar nos processos dialógicos e criar uma cultura de gestão territorial, ampliando o debate sobre os temas, visto que a área socioambiental é sistêmica e transdisciplinar. Neste sentido, é importante

e estratégico a participação da escola, dos professores e das lideranças indígenas nos processos participativos aliado à educação socioambiental, entendendo esta via como uma forma de aprofundar o conhecimento da realidade, promover formação e transformações de médio e longo prazo.

As ações de gestão e educação socioambiental promovem a mobilização e o engajamento comunitário no sentido de desenvolver uma formação para atuação cidadã. Durante as oficinas os próprios indígenas relatam a necessidade de maior envolvimento e participação da comunidade em momentos como esses.

É urgente e necessário iniciativas que auxiliem os indígenas a reivindicar questões de necessidades básicas junto as instituições e o poder público, como no caso de coleta de resíduos, instalação de para-raios, saneamento, etc. Investir em soluções sustentáveis para demandas de infraestrutura, como no reparo dos sistemas de coleta de água da chuva das escolas, ou em novos sistemas, como construção de banheiros ecológicos e adequados, manejo dos resíduos sólidos e saúde animal.

Considerando todas essas questões é desejável que as atividades sejam distribuídas entre todas as aldeias da TI, levando os encontros para os diferentes núcleos, permitindo maior contato com as nuances da realidade local dentro de um processo contínuo e a longo prazo.





■  
■ 5 ■  
■

# CONSIDERAÇÕES FINAIS



O Mapeamento socioambiental, dentro do possível, cumpriu seus objetivos por meio de um esforço muito grande da equipe para dar conta no pouco tempo disponível. Considerando as linhas de ação, a equipe teve o desafio de encaixar as agendas das atividades, pois o público envolvido é o mesmo para todas as ações do projeto.

O fato da maioria dos indígenas não falarem português demanda um tempo maior para as atividades, sendo que nem sempre foi possível obter a tradução literal das falas dos Maxakali para o português. As atividades e conversas ocorrem de forma simultânea, e a tradução muitas vezes era feita de forma a resumir o assunto falado entre eles.

É importante ressaltar as altas temperaturas em alguns horários, principalmente no período da tarde que causavam um certo desconforto para todos os envolvidos, mas principalmente a equipe que não estava acostumada a esse clima. Somado a isso, existe também as dificuldades comuns inerentes as comunidades indígenas e rurais como, adequação da estrutura local para acolher os encontros, logística de transporte e recursos humanos para apoio às atividades.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ferreira, M. T. (2012). **Ecologia Histórica Aplicada à Gestão Ambiental Comunitária da Terra Indígena Maxakali, Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Biologia) - Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-99QG4H/1/dissert\\_final\\_ferreira\\_mt.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-99QG4H/1/dissert_final_ferreira_mt.pdf).

GAVAZZI, R, A. **Relatório das Oficinas de Etnomapeamento da Terra Indígena Maxakali e das Reservas Indígenas Cachoeirinha, Aldeia Verde e Escola Floresta**. Projeto Hãmhi – Terra Viva – Instituto Opaoká [2023].

HAMHI. **Os Tikmũ ũn**. Disponível em: <<https://www.hamhi.org/os-tikmũ-ũn>>.

Magnani, Claudia, 1982. **Ũn Ka'ok - mulheres fortes [manuscrito]: uma etnografia das práticas e saberes extra-ordinários das mulheres tikmũ'ũn - maxakali** / Claudia Magnani. - Belo Horizonte, [2018]. 386 f., enc, il.

Selvagem Ciclo. **Escola Apne Ixkot Hamhipak**. Disponível em: <https://selvagemciclo.com.br/escola-apne-ixkot-hamhipak/>.





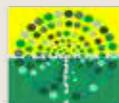


Execução

Financiamento



MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA



BOSQUE MODELO HILEIA BAIANA



Apoio

